

Pelos caminhos das letras e da educação

memorial acadêmico

ERIVALDO PEREIRA DO NASCIMENTO

Pelos caminhos das letras e da educação
m e m o r i a l a c a d ê m i c o

ERIVALDO PEREIRA DO NASCIMENTO

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

N244p Nascimento, Erivaldo Pereira do.
Pelos caminhos das letras e da educação: memorial acadêmico [recurso eletrônico] / Erivaldo Pereira do Nascimento. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2023.

Recurso digital (11,5 MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-981106-9-7

DOI: 10.5281/zenodo.8335887

1. Memórias. 2. Formação acadêmica. 3. Docência – UFPB. I. Título.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 82-94

Dedico este texto de memórias a todos os educadores e aos profissionais das letras, em especial àqueles com os quais tive e ainda tenho o prazer de dividir minhas conquistas e angústias, nas instituições pelas quais passei.

Dedico ainda aos meus alunos das licenciaturas em Letras (Língua Portuguesa e Língua Espanhola), do mestrado em Letras (PROFLETRAS) e do mestrado e do doutorado em Linguística (PROLING), da UFPB.

Agradeço especialmente às professoras doutoras Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB), Antonieta Burity de Souza Hosokawa (UFC/UNIFAL), Mônica Maria Montenegro de Oliveira (IFPB) e ao professor doutor Alfredo Gomes Neto (IFPB), que gentilmente se dispuseram a participar da banca examinadora para minha progressão a Professor Titular da UFPB, na qual apresentei e defendi o presente memorial, no dia 22 de setembro de 2022. A publicação deste texto sob a forma de livro foi uma sugestão da referida banca examinadora.

Agradeço ainda às professoras doutoras Laurênia Souto Sales (UFPB) e Maria Vanice Lacerda (UFCG), que se dispuseram a ler a primeira versão deste texto e cujas contribuições foram relevantes para o que aqui se apresenta.

Sumário

Apresentação	7
1. O ato de memoriar.....	10
2. A formação escolar e o gosto pela leitura	13
3. A formação acadêmica e o interesse pela linguagem.....	22
Bacharelado em Jornalismo	22
Licenciatura em Letras	26
Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras.....	27
Mestrado e Doutorado em Letras	29
Estágio de Pós-Doutorado em Ciências Humanas e Sociais.....	32
4. Primeiras experiências docentes: da educação básica ao ensino superior	35
Atuação na educação básica.....	35
Ensino em escola de idioma.....	42
Primeiras experiências no ensino superior.....	44
5. A docência na UFPB: ensino, pesquisa e extensão	47
Atividades de ensino	50
Atividades de pesquisa.....	60
Atividades de extensão	73
6. A gestão pública e as atividades de representação.....	81
Atividades de gestão.....	81
Atividades de representação e junto a órgãos colegiados e conselhos...	90
Participação em comissões	93
7. Considerações Finais	96
Referências	99
Sobre o autor.....	102

Apresentação

Ao longo da nossa carreira acadêmica, temos o prazer de conviver e compartilhar da amizade e do companheirismo de grandes profissionais como o Professor Doutor Erivaldo Pereira do Nascimento. Muito me alegra ter a oportunidade de escrever algumas linhas para apresentar seu memorial.

Para falar sobre este trabalho, menciono a definição do Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009) para o verbete memorial: “relato de memórias”, essa definição está completamente associada à capacidade de lembrar e de recordar, ou seja, trazer de novo ao coração algo que, devido à ação do tempo, ficou guardado apenas para si, em algum lugar da memória.

Sendo assim, o Professor Doutor Erivaldo Pereira do Nascimento relata, neste trabalho, as memórias sobre sua jornada pessoal, acadêmica e profissional, buscando historiar suas escolhas, os processos percorridos ao longo da sua carreira visando compreender a pessoa que ele se tornou e que resultou no profissional comprometido com a educação e com a sociedade. Em sua narrativa de vida nos conta sobre sua infância no sertão e as origens caboclas indígenas, o convívio com seus professores e, especialmente, o gosto que sempre teve pela leitura.

Nos caminhos trilhados por esse grande profissional, ele enfrentou diversos percalços, tanto em sua trajetória escolar quanto na carreira acadêmica, mas foram sabiamente enfrentados, pois essas dificuldades não o impediram de realizar seus anseios, porque, para continuar seus estudos, tal qual ave de arribação, precisou mudar de cidade e ficar longe do convívio com a sua família e amigos.

Ainda muito jovem, no ano de 1993, ingressou no curso de bacharelado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba. Antes de concluir esse curso, prestou vestibular para ingressar em Licenciatura

em Letras, habilitação em línguas portuguesa e inglesa. Em 2000, iniciou a Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras. No ano de 2002, foi aprovado para ingresso no mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPB com o projeto de pesquisa intitulado “A Estrutura Argumentativa da Notícia”. A investigação de sua pesquisa ultrapassou ao esperado para um projeto de mestrado, por esse motivo, a banca aprovou a mudança de nível de mestrado para doutorado. No ano de 2014, ultrapassou as fronteiras do Brasil e iniciou seu estágio de Pós-Doutorado na Universidade de Buenos Aires, na Argentina. O entusiasmo pela pesquisa resultou em diversas apresentações em eventos científicos e publicações visando à divulgação dos seus conhecimentos.

As narrativas sobre sua formação acadêmica nos propiciam conhecer a grande contribuição da carreira profissional do Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento para o campo dos estudos linguísticos, especialmente, da semântica. Sua experiência, enquanto docente, assemelha-se ao crescimento do bambu, visto que inicia com a educação básica e rapidamente chega ao ensino superior. Na educação básica, para além dos resultados acadêmicos, o professor venceu os desafios de lidar com várias situações adversas e muito contribuiu para o crescimento intelectual e social de seus alunos. Suas primeiras experiências no ensino superior, como docente, tiveram início no ano 2004, nas Faculdades Asper. Dois anos após, ingressou como professor substituto na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *Campus* III, em Guarabira-PB. No mês de julho desse mesmo ano, foi nomeado professor efetivo de língua portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), para o *Campus* de Cuité, porém, não chegou a lecionar nessa instituição porque foi publicada sua nomeação para a Universidade Federal da Paraíba–*Campus* IV.

No Departamento de Letras do CCAE- *Campus* IV, o Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento, brilhantemente, desenvolve atividades em: ensino, pesquisa, extensão e também gestão. Como professor de Língua Portuguesa dos diferentes cursos do CCAE, atua tanto na graduação quanto na Pós-Graduação,

isso demonstra sua paixão e compromisso pela docência. O Professor Doutor Erivaldo Pereira do Nascimento faz muita diferença com o trabalho que ali realiza, porque seu compromisso transforma a vida de milhares de jovens e famílias, que jamais teriam condições de se qualificarem ou de buscarem novas oportunidades no mercado de trabalho e/ou de encontrarem uma perspectiva de crescimento pessoal e profissional fora daquela região. Para além desse papel, suas vivências no *campus* também colaboram para a construção da sua identidade, enquanto educador e enquanto descendente indígena. Na pesquisa e na extensão, o professor Erivaldo Pereira desenvolve projetos que resultam em apresentações em eventos científicos nacionais e internacionais. Essas pesquisas lhe propiciaram prêmios acadêmicos, produções bibliográficas e obras que se tornaram referência para os cursos de Letras, Secretariado Executivo da UFPB e também para outras instituições de ensino superior no Brasil.

Ao longo do período de lotação no CCAE, o professor Erivaldo Pereira do Nascimento assumiu cargo de coordenador de curso de graduação, chefe de departamento e vice-diretor de Centro, além de assessor de ensino e de pesquisa. Incansavelmente, participa de inúmeras comissões, atividades de representação junto aos órgãos colegiados e conselhos representando seus pares (docentes) ou o centro (CCA) junto aos órgãos colegiados da instituição.

Em toda sua trajetória de vida e acadêmica, o Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento é cômico de que não caminhou sozinho, por isso é grato à sua família, seus ex-professores, desde a educação básica até a universidade, aos colegas de profissão, aos amigos e alunos, pois todos contribuíram para que ele se tornasse um brilhante profissional comprometido com a educação e com a sociedade. Citando Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, podemos associar essa citação ao professor Doutor Erivaldo Pereira do Nascimento porque ele traz no seu sangue a força, a resiliência e a resistência do homem sertanejo e dos povos originários. Continue a voar alto, caro amigo.

Antonieta Buriti de Souza Hosokawa

1. O ato de memoriar...

Revisitar as memórias e colocá-las no papel é mais do que simplesmente adentrar na história e trazer à tona acontecimentos do passado. É, principalmente, um exercício de profunda reflexão sobre o que somos e sobre o lugar que ocupamos no mundo, resultado de caminhos e processos percorridos, de escolhas, mas também de acasos.

Esse exercício de reflexão requer a coragem de visitar espaços, dizeres e fazeres nem sempre confortáveis, nem sempre prazerosos, mas extremamente importantes para compreender o indivíduo e a pessoa que nos tornamos. Talvez, por isso, memoriar seja uma ação tão difícil de começar, já que pode desvelar facetas que preferimos esconder de nós mesmos.

Paradoxalmente, é também um exercício de prazer, porque nos permite visitar e dialogar com nossas diferentes faces ao longo da vida e enxergar o caminho evolutivo que traçamos. Enxergar que somos efêmeros e transmutáveis e que essa característica humana nos coloca em constante descoberta, evolução e dinamicidade. No entanto, essa efemeridade e transmutabilidade não apagam, necessariamente, os valores, crenças e desejos que estão na base de nossa formação pessoal e humana, mas antes, deles se alimentam.

O que sou hoje, enquanto educador, pesquisador, acadêmico diz muito da criança que nasceu no sertão, do filho de agricultores, do neto de contador de história, do bisneto de caboclos e caboclas indígenas... Diz também das salas de aulas que frequentei, dos professores com quem tive o prazer (ou não) de estudar, das primeiras aulas que lecionei ainda na escola pública, ou do primeiro contato com o texto científico.

Memoriar requer, ainda, a consciência de que a visita ao passado não implica necessariamente a construção de uma verdade absoluta sobre o que ocorreu. A

lupa que enxergamos o “ontem” é a do “hoje”, ou seja, construímos uma narrativa sobre o que fomos e vivemos, a partir de um olhar do presente, demarcado por um lugar de sujeito situado historicamente no hoje, permeado por aquilo que acreditamos agora–lembro aqui a visão dêitica de Benveniste (1996[2005]), cujo centro é o *eu*, o *aqui* e o *agora*, a partir do qual se demarca o passado e o futuro.

A subjetividade se faz presente de maneira muito ímpar no gênero memorial, permeando todo seu processo produtivo e, conseqüentemente, perpassando a sua funcionalidade e linguagem características. Nesse sentido, a narrativa construída também será fortemente marcada pela afetividade, que se manifestará nas palavras, expressões e na própria organização do texto. A forma como nos relacionamos com nossa história diz muito dos sentimentos vivenciados e dela decorridos, inclusive no campo profissional.

Assim, imbuído da consciência da tarefa de memoriar, visitando minha história de vida acadêmica, mas também pessoal, apresento este memorial que teve o objetivo primeiro de cumprir uma etapa necessária à progressão funcional para Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), instituição a qual estou vinculado como docente desde 01 de setembro de 2006¹. Objetivo, ainda, refletir sobre a minha história acadêmica e profissional, no sentido de não apenas compreender como se deu essa trajetória, mas de, partindo dela, ser capaz de traçar novas trajetórias no campo do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão.

Para construir essa narrativa, este memorial está organizado em 06 capítulos, além desta introdução. No capítulo 2, trato das memórias relativas ao núcleo

1 Este memorial foi apresentado e defendido em seção pública no dia 22 de setembro de 2022, tendo recebido o conceito de aprovado, com recomendação de publicação. Da banca examinadora participaram os seguintes professores doutores: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB–Presidente), Alfredo Gomes Neto (IFPB – avaliador), Antonieta Buriti de Souza Hosokawa (UFC/UNIFAL–avaliadora), Mônica Maria Montenegro de Oliveira (IFPB–avaliadora), Joseli Maria da Silva (IFPB – suplente) e Regina Celi Mendes Pereira da Silva (UFPB – suplente).

familiar e à formação escolar, base de toda a minha constituição enquanto sujeito e ser humano. O capítulo 3, por sua vez, destina-se à minha formação acadêmica, da graduação ao pós-doutorado, em que pude constituir os princípios teórico-metodológicos que vêm orientando minha prática pedagógica e científica.

No quarto capítulo, trato das minhas primeiras experiências enquanto docente, da educação básica ao ensino superior. E, no quinto capítulo, relato minha vida acadêmica como docente, pesquisador e extensionista na Universidade Federal da Paraíba. Nesse capítulo apresento, ainda, a minha produção bibliográfica.

O quinto e penúltimo capítulo está destinado à minha atuação enquanto gestor e membro de conselhos de representação.

Por fim, nas considerações finais, reflito a respeito de minha formação e atuação profissional, com um olhar tanto para o passado como para o futuro, no sentido de repensar minha trajetória e traçar novos caminhos no campo do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão acadêmica.

2. A formação escolar e o gosto pela leitura

Sou filho de um agricultor semianalfabeto e de uma agricultora que cursou apenas até o quinto ano (antiga quarta série) do Ensino Fundamental e o primogênito de uma família de quatro filhos homens e uma mulher. Fomos crescidos em uma pequena comunidade rural no Distrito de Santa Gertrudes, no município de Patos, no sertão paraibano. Morávamos em uma pequena casa de tijolo aparente, a poucos metros da casa de meus avós paternos, que também eram agricultores.

Embora oriundo de uma família que teve pouco acesso à educação formal, porque todos precisavam trabalhar na roça já crianças (inclusive eu) para obter a subsistência, desenvolvi o gosto pelos livros e pelo universo da leitura desde muito pequeno. Isso ocorreu tendo em vista dois motivos: primeiro, graças a uma tia que era professora em uma escola rural, em um sítio vizinho ao que morávamos, e que estava sempre envolta em livros, o que despertou minha atenção; segundo, por conta do meu avô paterno, que era um exímio contador de histórias.

Meu avô Manoel era descendente de branco e índios e seus pais e avós eram envolvidos em questões de posse de terra, no chamado “cangaço de terra”,¹ em que famílias disputavam a posse, inclusive com emboscada e morte. Isso fez com que minha bisavó, já viúva, tivesse que migrar com seus filhos (meu avô e seus irmãos) do Cariri paraibano para o Sertão, renunciando à própria terra, para evitar o assassinato dos filhos.

Nas noites de lua cheia, em especial na época da colheita, meu avô contava a todos os filhos e netos, a história da família, os casos de cangaço, de luta da

1 Para entender o que foi o cangaço de terra, recomendo o filme “Abril despedaçado”, romance albanês adaptado pelo cineasta brasileiro Walter Salles e lançado em 2001. Relata uma história muito semelhante ao dos meus ancestrais.

terra (inclusive contra a força policial), de rapto de índios, de encantamento e reza dos seus ancestrais (Pione, meu tetravô conhecia e fazia uso de reza de encantamento). Essa memória traz à tona o que diz Matos (2014, p. xxix) a respeito da palavra do contador de histórias, a qual tem um longínquo, mas incontestável parentesco com a “Palavra de poder dos nossos ancestrais, que é revelada, e, como tal, tem uma natureza divina”.

Figura 01. Ainda criança de colo com minha mãe (Graça), meu pai (Amaro), meu avô paterno (Manoel) e minha avó paterna (Maria) na casa de meus avós.



Fonte: Arquivo pessoal de minha mãe Graça Morais

Esses relatos foram determinantes para minha formação pessoal e para a construção de minha identidade: hoje tenho consciência de minha ancestralidade e de que sou membro da família indígena e do povo Cariri. Foram também essenciais para despertar em mim o interesse pela literatura, pelo fantástico. Esse interesse pela literatura foi impulsionado pelo meu avô, que me incentivou a estudar e me dava de presente folhetos de cordel: ele me pedia para ler os folhetos para ele, já que era analfabeto, e a partir do que eu lia, ele criava e contava novas histórias, alimentando nossa imaginação. A oralidade

foi, portanto, meu primeiro contato com a literatura e com as Letras. E isso foi complementado pelo que estava nos livros.

É inegável, nesse sentido, a importância da literatura oral e da contação de histórias na educação e na formação do leitor. Matos (2014) afirma que o poder de transformação da “boa palavra” dos contadores de história se manifesta na cultura, na história e no ser, ou seja, promove a transformação do sujeito no que se refere à sua emancipação criativa. E acrescenta que a velha e boa palavra dos contadores de história não parece obsoleta, antes é uma palavra viva, mutante e angulosa.

Fui alfabetizado na Escola Estadual Lúcia Wanderley de Freitas, situada na sede do Distrito de Santa Gertrudes, uma comunidade do município de Patos, vizinha ao sítio em que fui criado. A escola oferecia as séries denominadas pré-escola, alfabetização e ensino primário (1ª a 4ª série do 1º Grau). A figura 02, a seguir, é uma foto da escola em que estudei, na década de 80.

Figura 02. Escola Lúcia Wanderley de Freitas
(Distrito Santa Gertrudes, anos 80)

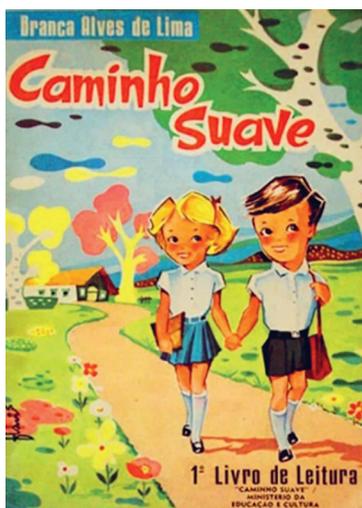


Fonte: Foto gentilmente cedida pela professora Maria Zilka Soares Wanderley

Minha alfabetização se deu no ano de 1980, aos 6 anos de idade, na pré-escola, com a professora Marina Soares, e de forma muito rápida, porque além do contato com os livros na escola, recebia incentivo de minha tia Lúcia Pereira, em casa, que me orientava com as lições e as tarefas. Assim, aos 6 anos já conseguia ler, decodificando com relativa facilidade, e fui matriculado na primeira série, não cursando a série denominada alfabetização.

A figura 03, a seguir, apresenta a cartilha que foi utilizada no meu processo de alfabetização, Caminho Suave de Branca Alves. É importante assinalar que essa cartilha, de base estruturalista, adotava uma perspectiva de leitura focada na decodificação, semelhante aos demais materiais didáticos da época.

Figura 03. Cartilha Caminho Suave



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/539798705318199986/>
Consulta em 13/04/2022

Além das lições de leitura, marcaram-me muito as sabinas de tabuada, nas quais tínhamos que responder oralmente as operações, em voz alta, diante da professora e de toda a turma, A figura 04, a seguir, apresenta a tabuada que era adotada na escola, para o ensino primário.

Figura 04. Tabuada



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/541065342705104876/>
Consulta em 13/04/2022

O gosto pelo estudo e pela leitura era tão próprio da minha infância, que uma das minhas atividades preferidas era “brincar de escolinha” com meus 3 irmãos (todos mais novos que eu), e eu, claro, era o professor. Esse interesse se tornou tão evidente que, quando estava na terceira série, a diretora da escola, professora Eunice Neves, colocava-me para “tomar a lição” dos alunos da primeira série.

Assim, também na infância, já despertou em mim o interesse pela docência, a curiosidade pelo conhecimento. Lembro-me que me fascinava a forma como os professores davam aula, como realizavam as tarefas, tomavam as lições. E eu reproduzia essas atividades, brincando com meus irmãos.

Saí da escola da comunidade no final da 4ª série primária (hoje 5º ano do Ensino Fundamental) e fui estudar na Escola Estadual Auzanir Lacerda, na cidade de Patos, aos 10 anos de idade, no ano de 1985. Lá finalizei o primeiro grau (hoje ensino fundamental), sempre com excelentes notas e desempenho em todas as disciplinas. O que mais me marcou desse período foi o fato de ter que me deslocar diariamente da comunidade rural em que morava para a cidade e a

convivência com as crianças e adolescentes não apenas da minha comunidade rural, mas das outras comunidades e da própria zona urbana (Na década de 1980, Patos já era uma cidade de porte médio, com uma população em torno de 80 mil habitantes). Essa situação foi muito importante para minha formação, no sentido de me ensinar a conviver com pessoas de diferentes situações familiares e sociais.

Após o término do 1º grau, eu não queria cursar o 2º grau (científico), mas fazer logo um curso profissionalizante, até mesmo para ajudar financeiramente a minha família. Assim, fiz matrícula no curso Técnico de Contabilidade, na Escola Comercial Roberto Símonsens, em Patos, no ano de 1989. Também em razão do meu desempenho no primeiro ano do ensino técnico, pude concorrer a um concurso para estagiário no Banco do Nordeste do Brasil, sendo aprovado em segundo lugar.

O estágio no banco me proporcionou não apenas uma renda, com a qual pude ajudar minha família, mas também abriu um mundo de oportunidades para mim, no sentido de ter acesso à tecnologia da época (telex, fax), aprender a lidar com documentação (setor em que estagiei) e conviver com o mundo do trabalho. No entanto, fez-me dar conta de que a minha vocação profissional não estava nos números e sim, nas Letras. Por esse motivo, aos 16 anos decidi prestar vestibular para a área de humanidades, optando inicialmente pelo curso de Direito, para o qual não obtive aprovação.

Não havendo sido aprovado no primeiro vestibular, realizado no final de 1991, decidi por outro curso profissionalizante, desta feita o curso de magistério (ou antigo normal), destinado a formar professores para atuação no ensino primário. Assim, em 1992, na Escola Normal Dom Expedito de Oliveira, em Patos, comecei a minha formação docente. A identificação com a docência era evidente já no início do curso, nas primeiras disciplinas voltadas para o ensino (em especial Didática Geral). Ali aprendi o que era um planejamento pedagógico, a como elaborar uma aula, preparar um plano de ensino, elaborar material didático. Devo essas habilidades à escola normal, em razão da qualidade

dos meus docentes, excelentes formadores. Pude ter certeza dessa percepção quando ingressei no curso de Licenciatura em Letras, anos posteriores: quando os docentes desse curso foram me apresentar tais conteúdos pedagógicos, esses já não eram novidades para mim, mas uma habilidade adquirida.

No final de 1992, prestei meu segundo vestibular, para o curso de Jornalismo, na UFPB, para o qual fui aprovado. Por esse motivo, no final de 1993, mudei-me para a capital paraibana e transferei o curso de magistério para a Escola Normal Maria do Carmo de Miranda, em João Pessoa, no ano de 1994, para cursar o terceiro e último ano do magistério. Sofri o impacto da mudança de escolas. Embora tivesse também bons professores, a qualidade e a exigência da nova escola não era a mesma daquela em que havia estudado em Patos, que trabalhava com muita profundidade as etapas de elaboração e execução de aulas, além de possuir um setor de estágio bem sistematizado, com acompanhamento contínuo, e disciplinas voltadas para a formação humana. A Escola Normal de Patos também me ensinou o papel da tutoria, da orientação e do acompanhamento pedagógico que se deve dar aos alunos em formação.

A Escola Normal Maria do Carmo de Miranda oportunizou-me novas amizades, trocas de saberes e o término do meu curso de magistério. Ali também tive a possibilidade de conhecer a professora Laura Albuquerque, que me abriu as portas para meu ingresso no mercado de trabalho da educação, o que relatarei mais adiante.

As escolas normais assumiram papel importante na minha formação docente, dando-me as ferramentas básicas para o desenvolvimento de minhas competências enquanto docente e educador. Nesse sentido, convém assinalar o que afirma Martins (2009), a respeito do papel que assume essas instituições de formação de professores no Brasil:

Partindo desse pressuposto constatamos que, desde o momento de sua institucionalização até o século XX, as Escolas Normais foram o principal 'ethos', onde foram criadas as condições culturais para a formação do professor do primeiro segmento da Educação Básica. (MARTINS, 2009, p. 180)

A autora afirma ainda que a cultura pedagógica dessas escolas atribuiu ao professor o papel de alguém que poderia facilitar e ajudar o desenvolvimento e o progresso da nação e, portanto, deveria ser um “profissional formado dentro dos princípios morais e portador de uma sólida erudição” (MARTINS, 2009, p. 180), o que se manifestava em um currículo que focava não apenas na formação didática, mas também em disciplinas voltadas para a formação humana, a exemplo de Filosofia e Psicologia.

Uma vez relatada a minha formação básica, apresentarei, no próximo capítulo, a minha formação acadêmica, da graduação ao estágio de pós-doutorado.

Figura 05. Turma concluinte do 3º ano do magistério (1994)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 06. Colação de grau do magistério – orador da turma (1994)



Fonte: Arquivo pessoal

3. A formação acadêmica e o interesse pela linguagem

Neste capítulo irei tratar da minha formação acadêmica, desde a graduação até o pós-doutorado. Por isso vou organizar este capítulo em seções, de acordo com cada curso que realizei.

Bacharelado em Jornalismo

O meu ingresso no ensino superior se deu no final do ano de 1993, no curso de bacharelado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba. Do ponto de vista pessoal, implicou em uma mudança significativa, não só porque necessitei mudar de cidade e adquirir novos hábitos e rotina, mas também porque abriu-se para mim um leque de possibilidades que só uma universidade pública e gratuita poderia oferecer: restaurante universitário, biblioteca, cursos de extensão de idioma, prática de esportes (natação), residência universitária, participação em projetos de monitoria, entre outras. Para um menino pobre, sertanejo e vindo do interior, era um universo inimaginável e inacessível, até então.

Do ponto de vista da minha formação acadêmica, o curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, me oportunizou o acesso ao meio acadêmico, aos estudos sobre a linguagem, ao exercício da leitura e da escrita. O curso me proporcionou o desenvolvimento de várias competências e habilidades que contribuiriam fundamentalmente para o profissional que sou hoje. Tais competências vão desde a capacidade de pesquisar e apurar fatos, averiguar a veracidade das fontes, realizar entrevistas, fotografar, filmar, produzir originais, editar textos até o desenvolvimento da fala, de forma planejada e sistematizada, em público ou diante de câmeras e microfones.

Foi extremamente importante para minha formação o acesso aos estudos de Pierce (1931-1958[2000]) e de Umberto Eco (1975), entre outros estudiosos da Semiótica e da Semiologia. Esses autores me fizeram mergulhar na compreensão do que é a linguagem e como ela se constitui e me permitiram, posteriormente, enxergar os estudos da Linguística sob outra perspectiva.

O curso de Comunicação Social era um incentivo constante à leitura e à escrita, porque discutíamos de tudo o que se passava no país e no mundo, o que me obrigava a ler e estar informado, diariamente. Líamos de jornais diários (que a própria Biblioteca da universidade disponibilizava gratuitamente) a clássicos da literatura, porque precisávamos estar “antenados” com os fatos sociais, com a história e a cultura.

A prática da escrita se manifestava não somente nas disciplinas de redação jornalística, mas também nos eventos que o Centro Acadêmico (CA) organizava, para exposição de poemas, crônicas e de outras produções dos alunos, ou ainda na produção de folhetos, informativos ou fanzines. Assim, pude desenvolver tanto habilidades de escrita jornalística como também acadêmica.

Ainda no curso de Comunicação Social tive a oportunidade de desenvolver habilidades de docência, quando fui monitor da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, sob a supervisão do professor Carmélio Reinaldo. Nessa disciplina, produzíamos o jornal “Questão de Ordem”, que era distribuído gratuitamente em toda a universidade e tratava principalmente de informações e conteúdos de interesse da comunidade acadêmica. Como monitor, eu era responsável por auxiliar os alunos na produção de textos jornalísticos, além de editar e editorar o jornal. A figura 07, a seguir, é uma fotografia do número 3, ano XV, do jornal Questão de Ordem, por mim editorado, enquanto monitor da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso.

Figura 07. Jornal Questão de Ordem – Ano XV, N. 3, agosto de 1996.

QUESTÃO DE ORDEM

CONDOMÍNIO DE JORNALISMO E INTERCÂMBIO

Associação de Professores

Banda Omelete vai gravar CD brega

Os admiradores de uma boa música brega podem esperar: o Omelete, está acabando por se tornar o primeiro CD que será gravado em um formato de compacto disc. A banda prepara uma turnê que percorrerá o Nordeste, depois voltará para...

Fig. 11

Rede de computadores ligará campi I e II

Os Campi de João Pessoa e Campina Grande terão seus computadores integrados por uma rede regional da UFPB. O projeto para ser desenvolvido através do programa de investimento de parcerias e investimentos a IBM Brasil, a Fundação de Amparo à Pesquisa da Paraíba e a Rede de Computação, que ainda precisa concluir as obras locais, a instalação de um canal de 64 Kb para conectar o projeto.

Fig. 7

Seminário discutirá intercâmbio na UFPB

O I Seminário sobre Cooperagem e Intercâmbio Internacional da UFPB discutirá propostas para o programa que alargará os estudos intercâmbios, bem como a possibilidade de criação de novos convênios. O evento, que ocorrerá no auditório da Faculdade de Educação, no dia 5 e 6 de setembro, é uma iniciativa da Associação para Intercâmbio Internacional da UFPB, que está completando 20 anos.

Fig. 4

Carros no Campus I serão identificados

Vendo uma matrícula ou sequência de Campus, a Polícia Universitária se absteve em breve, pôs em prática um sistema de identificação dos veículos. Serão desenvolvidas as placas de professores, funcionários e alunos através de sistemas de cores diferentes. A fiscalização, empresa de vigilância prestadora de serviços à Universidade, ocorrerá com os carros de confronto.

Fig. 3

OPINÃO

Quando a velhice chegar

André Lima

Uma bela dia, sempre pelo que sempre passamos em casa, lembrando de nós, de nossos filhos e parentes que estão vivos, mas não mais de si próprios. E lamentamos e até nos damos conta de que não há mais tempo para a velhice, para a qual não estamos preparados, capazes de lidar, sempre dependentes de outras pessoas.

Começo de um artigo chamado "A Velhice e o homem". Ali que vive a realidade da velhice, que depende de outros e que é muitas vezes, além de ter que lidar com a solidão e a dependência de outras pessoas, também tem que lidar com a dependência de outras pessoas. Não é apenas a dependência de outras pessoas, mas também a dependência de outras pessoas. Não é apenas a dependência de outras pessoas, mas também a dependência de outras pessoas.

Quando a velhice chegar, o homem não estará sozinho. Ele estará rodeado por outras pessoas, mas não estará preparado para lidar com a dependência de outras pessoas. Ele estará rodeado por outras pessoas, mas não estará preparado para lidar com a dependência de outras pessoas.

A velhice é um desafio que todos nós enfrentaremos. Não é apenas a dependência de outras pessoas, mas também a dependência de outras pessoas. Não é apenas a dependência de outras pessoas, mas também a dependência de outras pessoas.

Onde está a ética?

Se o problema de ética fosse tratado apenas a partir das situações "claras" e rotineiras para a maioria, não seria necessário um curso de ética. Seria apenas uma questão de bom senso e de respeito. Mas a realidade é que a maioria não consegue lidar com situações que exigem uma reflexão ética. É aí que entra o curso de ética. É aí que entra o curso de ética.

Todo esse esforço é necessário para a ética de profissionais. A aplicação da ética profissional é necessária para a ética de profissionais. A aplicação da ética profissional é necessária para a ética de profissionais.

O noticiário da moda

Sustentação Social

Mais é de hoje que se verifica a sustentação social. A sustentação social é um conceito que se refere à capacidade de uma sociedade de manter seu nível de vida e de bem-estar ao longo do tempo. A sustentação social é um conceito que se refere à capacidade de uma sociedade de manter seu nível de vida e de bem-estar ao longo do tempo.

A sustentação social é um conceito que se refere à capacidade de uma sociedade de manter seu nível de vida e de bem-estar ao longo do tempo. A sustentação social é um conceito que se refere à capacidade de uma sociedade de manter seu nível de vida e de bem-estar ao longo do tempo.

Fonte: Arquivo próprio

O meu trabalho de conclusão de curso, por sua vez, se deu na área de telejornalismo, com a produção de vídeo-reportagem intitulado A Revolta de Princesa, em parceria com meu colega João Kened Alves Cosme e sob a orientação do professor Dr. Wilfredo Maldonado. A produção desse trabalho me permitiu refletir sobre a política e a constituição das oligarquias da Paraíba e compreender melhor a nossa própria história.

Abro aqui parênteses para refletir sobre a universidade na década de 90, principalmente em seus anos iniciais. Vivíamos um momento de transição política para a democracia e isso teve forte impacto na vida acadêmica, seja pela efervescência dos movimentos políticos estudantis e dos servidores técnico-administrativos e docentes, em constantes greves pelos direitos estudantis e trabalhistas e pela qualidade do ensino superior, seja pela produção artístico-cultural e acadêmica que a florava nos diversos setores da instituição. A constância de eventos acadêmicos, de apresentações culturais, calouradas, exposição de filmes, vídeos, realização de cursos de extensão em língua, música, dança, artes plásticas ou esportes faziam da universidade um lugar de celeiro de profissionais, artistas e pesquisadores. Tudo isso estava acessível a todos os estudantes, especialmente a quem passava o dia inteiro no *campus*, como era o meu caso, não somente porque era residente universitário, mas também porque havia uma série de atividades e atrativos que nos faziam, de fato, experimentar a vida universitária.

Por outro lado, o acesso à universidade não era para todas as camadas da população. Na minha turma, por exemplo, eu era o único egresso da escola pública. Um outro exemplo, era o fato de que não havia um processo seletivo organizado pela instituição para o ingresso de alunos na Residência Universitária, porque a demanda era pequena (bastava levar um colchão e garantir sua vaga). Eram poucos os estudantes vindos das classes mais baixas da sociedade (o pobre, o negro, o indígena), que frequentavam a escola pública, a qual passava por sérios problemas na década de 90, tais como sucateamento da infraestrutura, falta de docentes, salário baixo, falta de material escolar, entre outros. Obviamente, os estudantes das escolas da rede pública não tinham condições de concorrer com

os alunos das escolas da rede privada de ensino por uma vaga na universidade. A universidade era e, em certa medida, ainda continua sendo, o resultado de uma política educacional excludente, que promovia o aluno da escola particular, branco, já com acesso a bens culturais.

Figura 08. Foto com colegas do curso de comunicação
(2º período do curso–ano: 1994)



Fonte: Arquivo pessoal

Licenciatura em Letras

O acesso aos cursos de extensão em línguas estrangeiras (inglês e espanhol) e o fato de estar ministrando aula no ensino fundamental, conforme relatarei no próximo capítulo, despertaram em mim o interesse por cursar Letras. Assim, decidi fazer novo vestibular e, antes mesmo de concluir Jornalismo, já ingressei na Licenciatura em Letras, habilitação em línguas portuguesa e inglesa, no ano de 1998, também na UFPB.

Em Letras, tive acesso aos estudos sobre a língua, desenvolvidos por autores como Saussure (1975), Chomsky (1965), Lyons (1979), entre outros estudiosos da Linguística, além do contato com as literaturas de língua portuguesa e inglesa.

Desde o início, o meu interesse se voltou para os estudos linguísticos, embora tivesse também desempenho excelente nas disciplinas da área de literatura. A literatura para mim sempre foi deleite e nunca me enxerguei como um estudioso dessa área. A língua e a linguagem, por sua vez, sempre foram objeto de curiosidade, de desejo de conhecimento.

Tranquei o curso de Letras após o quarto período, por três semestres, porque fui aprovado na seleção para a especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira, oferecida pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) da UFPB. Retornei ao curso de Letras em 2002 e o finalizei em 2005, já quando estava cursando o Doutorado em Letras.

Uma das coisas que mais me chamou a atenção (e fez falta) no curso de Licenciatura em Letras da UFPB foi o fato de não termos Trabalho de Conclusão de Curso. O projeto do curso era ainda dos anos 70 e incluía apenas a Prática de Ensino (hoje estágio curricular), que ocorria apenas no último período do curso. Essa prática, no entanto, acabava sendo o momento em que podíamos refletir sobre a aplicabilidade do que havíamos aprendido na sala de aula. Realizei a Prática de Ensino de Língua Portuguesa na antiga Escola José Lins do Rego, no Castelo Branco. A Prática de Ensino de Língua Inglesa, realizei na própria UFPB, no Curso de Extensão em Línguas, ofertado, pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) e no Supletivo do Ensino Médio do Centro de Educação (CE).

Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras

No ano de 2000, iniciei a Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) da UFPB, coordenado pela professora Dra. Maura Regina Dourado. O curso, com duração de 1 ano e 6 meses, ofereceu-me o acesso aos estudos mais contemporâneos tanto da Linguística Aplicada como da Linguística Teórica e foi um divisor de água na minha formação. Lá tive contato com os

estudos da Linguística Textual, da Pragmática, da Análise da Conversação, da Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, da Análise do Discurso, entre outras áreas. Conheci os trabalhos de autores como Moita Lopes (1996), Signorini e Cavalcanti (1998), Austin (1975[1990]), Ducrot (1984[1987]), Benveniste (1996[2005]; 1974[2006]), Koch (1993[2000]), entre tantos outros.

Também foi o primeiro momento em que experimentei a investigação científica, em especial na disciplina de Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras, ministrada pela professora Betânia Passos Medrado. Nessa disciplina, utilizando a perspectiva da pesquisa-ação e do professor pesquisador reflexivo, investiguei minha própria prática docente. Para o trabalho final da disciplina, precisei gravar e analisar minhas aulas, e o foco de investigação foi o tempo de fala (TTT – *teaching talking time*) e a centralização das aulas na minha figura, enquanto docente. Esse trabalho me fez perceber o quanto minha prática docente ainda era tradicional e necessitava de ajustes.

Imergir no próprio fazer docente é uma atividade ao mesmo tempo difícil e necessária, porque permite-nos descobrir nossas fragilidades e dificuldades, mas também abre espaço para novas práticas e aprendizagens. Essa imersão, no entanto, não pode se dar no acaso, precisa ser orientada teoricamente. Exige do professor-pesquisador a coragem para a reflexão e mudança. Devo essa aprendizagem e reflexão à professora Betânia Medrado.

Igualmente importante para minha formação foi a disciplina de Pragmática, cursada com a professora Lucienne C. Espíndola, que foi um divisor de água na minha concepção sobre o funcionamento e o uso da linguagem e sobre o ensino de língua. Essa disciplina nos permitiu refletir não apenas sobre as correntes pragmáticas (teria dos atos de fala de Austin e Searle, o princípio da cooperação de Grice, a pragmática integrada de Ducrot), mas principalmente sobre que língua ensinamos na sala de aula: língua enquanto sistema abstrato ou língua enquanto uso/interação.

Também nessa especialização, realizei uma investigação sobre o ensino dos pronomes pessoais com função de sujeito, em língua espanhola, tomando como

corpus livros de didáticos e entrevistas semiestruturadas com docentes de língua espanhola de escolas de idiomas e públicas de João Pessoa. Essa pesquisa resultou na monografia de conclusão do curso, intitulada “O Ensaio dos ‘Pronombres Personales Sujeto’: uma questão de prestígio e preconceito linguístico”, orientado pela professora Ana Berenice Martorelli.

Por fim, gostaria de pontuar a excelente qualidade do curso, e de todos os docentes, que deram acesso, a mim e aos demais colegas, aos estudos mais contemporâneos da Linguística Teórica e Aplicada e fizeram-nos experimentar a pesquisa científica, despertando-nos para a necessidade de rever nossa prática-docente, de maneira teoricamente orientada. A qualidade dos conteúdos trabalhados em todas as disciplinas cursadas se deu de forma tão ímpar que pude aproveitar algumas delas quando do meu ingresso no mestrado em Letras, uma vez que eram equivalentes nos dois cursos.

Mestrado e Doutorado em Letras

No ano de 2002, fui aprovado para ingresso no mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPB, sob a orientação da professora Doutora Lucienne Claudete Espíndola, para área de Linguística e Língua Portuguesa com o projeto de pesquisa intitulado “A Estrutura Argumentativa da Notícia”. A proposta de pesquisa se tratava de investigar a argumentação presente no gênero notícia jornalística, utilizando os pressupostos de Ducrot (1984[1987]; 1988), para quem a língua é por natureza argumentativa.

Os estudos sobre os pressupostos teóricos da argumentação linguística começaram na disciplina de Pragmática, cursada na Especialização de Linguística Aplicada, com a professora Lucienne Espíndola e se aprofundaram durante o mestrado, nas disciplinas cursadas. Encontrei nessa teoria a resposta para algo que me inquietava desde a minha graduação em Comunicação Social: primeiro, a noção de objetividade na língua e no texto; e segundo, a proposição de alguns teóricos do jornalismo de que a notícia era informativa e, portanto, dotada de objetividade e devendo também perseguir a neutralidade. Ducrot (1987, 1988)

não só fornecia um aporte teórico, mas um modelo de análise que me permitiu mostrar que os elementos linguísticos e discursivos presentes na materialidade da notícia imprimiam subjetividade e orientavam discursivamente as conclusões, imprimindo argumentação no texto.

As disciplinas cursadas, ao longo do mestrado, e a orientação dada pela professora Lucienne Espíndola fizeram com que minha investigação fosse ganhando uma dimensão maior do que o esperado e, no exame de qualificação, por sugestão de minha orientadora, requeri a mudança de nível de mestrado para o doutorado, o que foi objeto de avaliação e aprovação por parte da banca examinadora. Assim, teria mais dois anos e meio para concluir a pesquisa e terminar o trabalho, dessa feita como tese de doutorado.

A mudança de nível para o doutorado foi uma grande oportunidade, no sentido de que ganhei mais tempo para realizar as investigações, de forma mais profunda, mas se apresentou como uma dificuldade, porque não havia bolsas (no mestrado eu fui bolsista do CNPq por um ano) e, assim, tive que voltar a trabalhar, ministrando aulas em escolas da rede privada de ensino e de idiomas, além de também lecionar em uma faculdade.

O retorno ao trabalho de sala de aula tornou-se, então, um desafio e tive que desenvolver habilidade para administrar o tempo entre o trabalho e os estudos. No entanto, mostrou-se positivo porque permitia experimentar, na minha sala de aula, muito do que eu estudava, além de fortalecer meu currículo. A minha inquietude e necessidade de associar a teoria à prática de ensino permitiu ainda elaborar trabalhos científicos, participar de eventos científicos e publicar em periódicos da área. Para tal, foi de fundamental importância a parceria firmada com minha orientadora e com outros docentes do PPGL.

Com a continuidade das investigações, optamos por focar nos estudos da polifonia de locutores e da modalização discursiva, dada a presença do discurso relatado funcionando como estratégia argumentativa recorrente no *corpus* pesquisado (notícias políticas sobre a eleição presidencial de 2002). Teoricamente conseguimos demonstrar que a polifonia de locutores funciona

como uma estratégia de argumentação linguística, propusemos que o relato em estilo indireto também é um caso de polifonia de locutores e que a polifonia e a modalização discursiva podem funcionar conjuntamente para orientar argumentativamente os enunciados.

Do ponto de vista empírico, demonstramos que a argumentação (logo a subjetividade) está presente na notícia jornalística através do fenômeno da polifonia de locutores, em concomitância com a modalização discursiva (especialmente os verbos *dicendi* modalizadores). Assim, conseguimos provar como se materializa a argumentação no gênero notícia, tentando contribuir para a desmistificação da objetividade e da imparcialidade pregada pelos manuais de redação jornalística.

A defesa do meu trabalho se deu em setembro de 2005, 06 meses antes do previsto, com a obtenção do título de Doutor em Letras. Participaram de minha banca examinadora, além de minha orientadora, Prof^{fa} Dr^a Lucienne Espíndola, os professores doutores Jan Edson Leite (UFPB) e Heronides Moura (UFSC) e as professoras Maria Ester Vieira de Souza (UFPB) e Eliane Ferraz (UFPB), conforme ilustrado na figura 09.

Do ponto de vista pessoal, a defesa do meu doutorado foi extremamente significativa para mim, algo incapaz de ser expresso em palavras. Lembro-me que os primeiros dias após a defesa o sentimento era de gratidão e incredibilidade. Como um filho de agricultor, analfabeto, neto de contador de histórias, descendente de caboclos indígenas, alfabetizado em uma escola rural, criado no campo, sobrevivente da seca, residente universitário, homossexual... chegara a tal conquista? Valeram a pena as poucas horas de sono, os domingos de estudo, a correria, enfim, cada sacrifício.

O sentimento de gratidão se estendia a minha família, a todos os meus docentes, desde a educação básica até a universidade, aos professores colegas de profissão, aos amigos, ao meu companheiro da época, Evandro Viana, e, de maneira especial, à minha orientadora Lucienne Espíndola, que me acolheu, enxergou potencial em mim e abriu as portas de sua biblioteca e de sua vida para

me acolher. De fato, começou ali uma parceria e cumplicidade que se estendeu para toda minha vida acadêmica e pessoal.

Figura 09. Defesa de Doutorado (Auditório 412 do CCHLA/UFPB, 23/09/2005). Da esquerda para a direita: Jan Edson Leite, Ester Souza, Lucienne Espíndola, Heronides Moura, Eliane Ferraz, Erivaldo Nascimento.



Fonte: Arquivo próprio

Na próxima seção tratarei do meu estágio de Pós-Doutorado, no ano de 2014, na Universidade de Buenos Aires, na Argentina. Do meu doutorado até a realização desse estágio, atuei como docente do ensino superior, conforme relatarei nos próximos capítulos, e as atividades de formação profissional estiveram mais relacionadas à atividade de ensino ou de pesquisador, seja através da participação em eventos ou em outras atividades de cunho científico ou pedagógico.

Estágio de Pós-Doutorado em Ciências Humanas e Sociais

No ano de 2014, já como professor da Universidade Federal da Paraíba, pude aprofundar meus estudos sobre a Teoria da Argumentação na Língua em um estágio de pós-doutorado¹ na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade

¹ A estância de pós-doutorado foi possível através de um projeto de integração do Programa de Pós-graduação em Linguística com as pós-graduações da Universidade de Buenos Aires, coordenado localmente pela professora Pilar Roca. Tal projeto fez parte de um programa do Governo Federal e do Mercosul, executado no Brasil pela CAPES, que visava fomentar a qualidade das pós-graduações na América Latina, pelo sistema de adoção.

de Buenos Aires (UBA), no Pós-Doutorado em Ciências Humanas e Sociais, sob a supervisão da professora Doutora María Marta García Negroni.

A minha estância na Universidade de Buenos Aires foi de apenas 06 meses, mas foi de muito proveito. Dado o aprofundamento na teoria que possui o grupo de pesquisa coordenado pela professora García Negroni, pude compreender melhor determinados princípios da TAL, ter acesso aos estudos mais recentes da área, às investigações de Anscombe (2005; 2010) sobre o fenômeno do SE-Locutor (SE-Locuteur), às pesquisas sobre os blocos semânticos (CAREL; DUCROT, 2005) e rever algumas leituras sobre as obras clássicas de Ducrot, especialmente sobre a polifonia enunciativa.

Como parte do meu plano de trabalho, investiguei a polifonia no gênero administrativo-acadêmico, em textos de língua espanhola. Assim, pude identificar não só fenômenos de polifonia e modalização já investigados por mim ou pelo meu grupo de pesquisa na UFPB, mas identificar outros fenômenos, em especial o SE-locutor, funcionando em conjunto com a modalização discursiva.

Também como parte do meu plano de trabalho, lecionei uma disciplina de 32 horas no Mestrado em Análises do Discurso da UBA. Para propor essa disciplina, precisei realizar um estudo aprofundado sobre a modalidade e a modalização, desde a perspectiva de Gramática Histórica até os estudos mais recentes, seja na perspectiva do funcionalismo, seja na perspectiva semântica. Assim, precisei me debruçar sobre autores como Zavadil (1968), Palmer (2001[2007]), Kovacci (2002), entre outros. O desafio não foi apenas de contato com novos estudos e teorias, mas também de ensinar uma disciplina em língua espanhola para falantes nativos da língua, em nível de pós-graduação. Isso exigiu de mim preparação não apenas em termos de conteúdo, mas também no que se refere ao uso de determinadas terminologias e expressões da língua espanhola.

O pós-doutorado permitiu-me, nesse sentido, aprofundamento tanto do ponto de vista teórico sobre os estudos da TAL, como também sobre o meu conhecimento a respeito da língua espanhola. Por conseguinte, como estava em

um universo de total imersão na língua, a minha proficiência em espanhol teve significativo avanço. Pontuo, para além de tudo isso, a generosidade com que fui tratado pela professora García Negroni, no sentido de me acolher no grupo e facilitar o acesso a textos, autores e documentos, à biblioteca do Instituto de Linguística da UBA e à própria vida acadêmica da instituição. Com a sua convivência, aprendi muito sobre a condução de grupos de pesquisa, a partilha do conhecimento científico e a produção coletiva de textos acadêmicos, prática que tento implantar ainda hoje no grupo de pesquisa “Texto: Produção e Recepção sob vários olhares”, que coordeno na UFPB.

No próximo capítulo tratarei da minha experiência profissional, enquanto docente, da educação básica ao ensino superior.

4. Primeiras experiências docentes: da educação básica ao ensino superior

A minha pretensão, neste capítulo, é apresentar as minhas primeiras experiências como docente. Atuei por cerca de 11 anos na educação básica, em escolas de idiomas e em instituições de ensino superior, antes do meu ingresso como docente na UFPB. Essa atuação foi extremamente relevante para as atividades que, posteriormente, passei a desenvolver, não só enquanto professor, mas também como pesquisador e extensionista, conforme demonstrarei neste e nos demais capítulos.

Atuação na educação básica

A primeira vez que entrei em uma sala de aula como professor foi em 1993 na Escola Municipal José Permínio Wanderley, no distrito de Santa Gertrudes (Patos-PB), em uma sala da 2ª série do 1º Grau (hoje 3º ano do Ensino Fundamental), para substituir uma docente que estava de licença maternidade, por 4 meses.

Apesar de ter sido por um curto período de tempo, lembro que foi um desafio para mim, especialmente no que se refere ao próprio manejo de sala, ou seja, conduzir o processo de ensino-aprendizagem e controle de disciplina dos alunos, em uma turma de cerca de 20 crianças de 7, 8 anos de idade. No entanto, essa experiência foi extremamente relevante, porque me permitiu colocar em prática o que estava aprendendo no curso de magistério.

Voltei a entrar em sala de aula no final do ano de 1994, por volta do mês de setembro, em João Pessoa, na Escola Municipal Hugo Moura¹, na comunidade

1 Ressalto que não tive registro formal do meu trabalho nessa instituição, prática comum na época. Isso me prejudicou em termos de carreira, uma vez que não houve recolhimento do INSS nem de outros tributos. Para mim, no entanto, ficou o registro da memória e a aprendizagem profissional.

do Padre Zé. Ali permaneci por dois anos e três meses, lecionando Língua Portuguesa para as turmas da 7ª e 8ª série do 1º Grau (hoje 8º e 9º ano do Ensino Fundamental). O ingresso na escola se deu em substituição à docente Laura Maurício, que fora minha professora na Escola Normal Maria do Carmo de Miranda e estava em licença.

A escola era muito bem administrada, com uma excelente equipe técnica e professores comprometidos com a educação pública e com a comunidade. No entanto, enfrentávamos sérios problemas com a escassez de recursos, como a falta de livro didático, de equipamento para reprodução de textos, de merenda escolar, entre outros. Lembro-me de que necessitávamos copiar todo o conteúdo no quadro de giz, o que incluía todos os textos para leitura, atividades de interpretação, conteúdos gramaticais e exercícios. Isso não só tomava o tempo das discussões e reflexões, como dificultava o manejo ou controle de sala, que gerava, como consequência, indisciplina.

Um outro desafio que se me apresentava era o trabalho com adolescentes com grande vulnerabilidade social, oriundos de uma comunidade carente da cidade de João Pessoa. Lidar com esse público-alvo exigiu de mim uma imersão maior na comunidade, a fim de entender o universo dos meus alunos. Muitos deles eram oriundos de famílias muito pobres, sem acesso a determinados bens e serviços e que não conseguiam enxergar um propósito para o estudo. Não raro, tínhamos alunas adolescentes que já eram mães ou ainda alunos que tinham parentes envolvidos com o tráfico de entorpecentes. O envolvimento de adolescentes com a prostituição infanto-juvenil ou com o tráfico era uma realidade na comunidade, uma vez que, para muitos deles, essa era a única possibilidade que enxergavam como acesso a bens de consumo.

A compreensão dessa realidade só foi possível porque me engajei diretamente com a comunidade escolar e com seu entorno. O envolvimento com as atividades da igreja da comunidade, a participação em eventos da escola e da comunidade permitiram que eu enxergasse de perto quem eram meus alunos e

o que eu poderia fazer por eles. Ganhei a empatia de todos e pude desenvolver um trabalho de ensino mais produtivo e engajado.

Figura 10. Foto com alunas da Escola Hugo Moura (1996)



Fonte: Arquivo próprio

Lembro-me de que, em conjunto com a professora de Matemática da escola, realizamos um trabalho de preparação dos nossos alunos para o processo seletivo de ingresso nas escolas públicas de segundo grau da cidade, entre elas o

Liceu Paraibano e a Escola Técnica Federal (hoje Instituto Federal da Paraíba). Tínhamos o total apoio da equipe técnica da escola e, com essa atividade, conseguimos que alguns alunos seguissem adiante em sua formação escolar.

Essa experiência com o ensino público marcou profundamente a minha vida profissional e produziu consequências edificantes na minha vida acadêmica. Não por acaso, hoje atuo em um Programa de Pós-Graduação que qualifica professores de língua portuguesa de escolas públicas, o PROFLETRAS, do qual falarei mais adiante.

Acreditava e continuo acreditando que a escola pública é agente de transformação social, que pode mudar a vida de diversas crianças e jovens do Brasil. Fui fruto dela e referencio, de forma muito particular, os docentes e profissionais que lá trabalham.

Quero aqui agradecer de forma especial à professora Laura Maurício, que não só me abriu as portas para ingressar na Escola Hugo Moura, como também se tornou minha mentora, orientando-me e prestando todo o apoio de que eu necessitava. Foi, também, através da professora Laura que ingressei no ensino privado, no ano de 1997, no Instituto Anglo-Brasileiro, do qual era coordenadora pedagógica. Nessa escola, lecionei língua portuguesa, nas 7^a e 8^a séries, e língua espanhola, da 5^a à 8^a série.

Ali, aprendi a conviver com outra realidade de ensino, com crianças e adolescentes de classe média, com acesso a bens e serviços, material didático, equipamentos e tudo que era necessário para desenvolverem suas habilidades e competências. Pude, nesse sentido, realizar um trabalho pedagógico com todas as condições materiais, o que me permitiu colocar em prática tudo que tinha aprendido na minha formação no curso de magistério e vinha tendo acesso no curso de Licenciatura em Letras.

Do trabalho realizado naquela escola, marcaram-me profundamente as atividades que fazíamos (a professora Laura e eu) com os livros paradidáticos, momento em que podíamos sair das aulas tradicionais de gramática e focar em um ensino mais voltado para a leitura e para a produção textual escrita e

falada. Era o momento de maior interação, de compromisso e de envolvimento dos alunos. Era o momento em que havia prazer em ensinar e em aprender. Lembro-me também das atividades extracurriculares, tais como as gincanas interculturais, que envolviam todas as turmas da escola, bem como as celebrações de datas comemorativas.

Além do Instituto Anglo-Brasileiro, trabalhei em outras escolas da rede privada de ensino, tanto no primeiro como no segundo grau, as quais listo abaixo:

- Colégio CA-Bessa – de 1998 a 2001, lecionando língua espanhola tanto no 1º grau (5ª a 7ª série) como no 2º grau (1º a 3º ano) e em cursinho pré-vestibular;
- Inteligência Emocional Colégio e Curso – de 2000 a 2003, lecionando língua portuguesa (da 5ª à 8ª série do 1º grau, do 1º ao 3º ano do 2º grau e em cursinho pré-vestibular) e língua espanhola (do 1º ao 3º ano do 2º grau e em cursinho pré-vestibular);
- CETRA Colégio e Curso – no ano de 1999, ensinando língua espanhola (da 5ª à 8ª série do 1º grau e do 1º ao 3º ano do 2º grau).

Do trabalho realizado nessas instituições, gostaria de registrar as atividades de ensino de produção textual na escola Inteligência Emocional Colégio e Curso. Ali, realizei um trabalho de produção textual voltado para os gêneros jornalísticos, na disciplina de Redação, na 8ª série do 1º grau, que culminou com a produção de um jornal escolar.

Com base na minha experiência enquanto aluno de Comunicação Social e profissional da área de jornalismo,² e influenciado pelas leituras sobre gêneros textuais e pelas disciplinas do curso de Especialização em Linguística Aplicada, simulei na sala de aula uma redação de jornal e o processo de produção de um

2 Trabalho como jornalista nos dois primeiros anos após o término do meu curso (1998 e 1999), especificamente como repórter *freelancer* e colaborador para diversas instituições, entre as quais a Pascom (Pastoral de Comunicação e assessoria de imprensa) da Arquidiocese da Paraíba.

periódico, desde a reunião de pauta até a publicação propriamente dita do jornal. O trabalho começava com a leitura de diferentes gêneros do jornalismo, passava pela definição do público-alvo e do objetivo do jornal, reflexão sobre a linguagem a ser adotada e dos assuntos que seriam objeto de produção, encerrando com a escrita de uma pauta.

Em seguida, iniciávamos a parte de produção textual, com a realização de entrevista, escrita e reescrita de notícias, artigos de opinião, charges, editorial, entre outros. Os alunos se distribuíam em papéis (entrevistadores, articulistas, editores, ilustradores), o trabalho de editoração ficava sob a minha responsabilidade e, para a revisão final, contávamos com a colaboração do professor José Clovis, colega docente de língua portuguesa da escola.

Essa experiência foi de fundamental importância para mim porque me permitiu fugir um pouco do ensino tradicional, com base na gramática normativa, que era adotado nas escolas naquele momento. Possibilitou experimentar, na minha sala de aula, o que eu estava estudando na academia, vivenciava enquanto jornalista e acreditava que fazia sentido: um ensino voltado para o uso social da língua.

Foi, ainda, a confirmação de que a perspectiva de ensino voltada para o uso linguístico fazia sentido não só para mim como para os próprios alunos. O êxito do trabalho pedagógico foi perceptível não apenas pela qualidade do produto realizado (o informativo escolar *Jornal do IE*) e pela sua constância (produzimos 6 edições ao todo, em dois anos), mas principalmente pelo resultado pedagógico junto aos alunos: a perceptível melhoria na proficiência oral e escrita daqueles que vivenciaram a experiência.

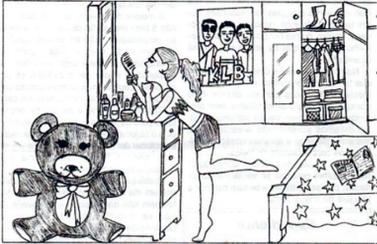
A figura 11, a seguir, ilustra o informativo escolar *Jornal do IE*, em seu terceiro número, publicado em setembro de 2002. Os resultados dessa experiência pedagógica foram apresentados em um evento científico e publicados sob a forma de capítulo de livro (NASCIMENTO, 2007).

Figura 11. Jornal do IE – N. 3, setembro de 2002 (páginas 01 e 02)

Jornal do IE

Boletim de divulgação dos trabalhos escolares da disciplina de Redação em Língua Portuguesa da 8ª série do Ensino Fundamental N.º 3 - João Pessoa, setembro de 2002

Cuidados com a aparência



Preocupados com a beleza física, as crianças e adolescentes buscam, cada vez mais cedo, tratamentos para problemas com a acne. Por outro lado, o cuidado excessivo com a aparência pode ser prejudicial.

E mais:

Turismo na Paraíba

Namoro com pessoas mais velhas

A droga da moda

Jovens e religiosidade

2

OPINIÃO

Jornal do IE

Editorial

Mais uma vez, o Jornal do IE volta trazendo diversas matérias para os alunos da Escola.

Nosso trabalho tem recebido muitas críticas construtivas e destrutivas. Algumas pessoas elogiam o trabalho da 8ª série, dizendo ser um dos poucos jornais de escola que apresenta matérias interessantes, sobre temas polêmicos, relacionados aos jovens. Porém, outras pessoas criticam o trabalho alegando que os textos são de má qualidade.

No entanto, esse é o único jornal escola, que temos conhecimento, em que todas as matérias são feitas por nós alunos. Não somos uma equipe de jornalistas, nem pretendemos ser (pelo menos por enquanto). Só estamos aprendendo a escrever de maneira diferente e levando nossos resultados alegando ao conhecimento de todos.

Devido o bom trabalho dos alunos da 8ª série, muitas pessoas se sentiram incomodadas, por isso criticam e tentam destruir a imagem do nosso jornal.

Expediente

Boletim de divulgação de trabalhos escolares do Instituto Emocional Colégio a Casa.
Disciplina: Redação em Língua Portuguesa (8ª série do Ensino Fundamental)
Diretora Escolar: Deyse Cleonice Nóbrega
Coordenadora Escolar: Mônica
Professora e Jornalista Responsável: Elaine Pereira
Editor: Bruno de Jesus
Redação e Imprensa: Alexandre, Alisson, Torres, Alana, André, Anderson, Antônio, Tássio, Carl, Henrique, Camilla, X. Camilla, Gouveia, Clara, Mariana, Danielle, Covadonga, Dayane, Cristina, Deborah, Elaine, Vasconcelos, Felipe, Danica, Jacqueline, Menezes, Jefferson de Almeida, Juliana, Larissa, Luana, Alany, Alana, Luiz, Bruno, Luiz de Aguiar, Anália, Portuval, Patrícia, Menezes, Paula, Fátima, Rayane, Roberto, David, Sarahelly, Brito, Sany, Silmara, Thais Lucena, Thales, Larissa, Thelma, Priscilla, Vanessa
Assistentes: Vanessa Ramalho, Vivian.
Redação Escolar: Elaine Pereira.
Ilustração: Fátima e Camilla
Revisão Ortográfica: Prof. Celso

Responsabilidade:

nem demais, nem de menos

Hoje, diante das grandes mudanças da nossa sociedade, devemos ser cada vez mais responsáveis, principalmente nós jovens, que somos o futuro do país. No entanto, nem sempre responsabilidade demais nos faz bem.

A missão dos jovens depende dos pais e não é bem preparada desde cedo a tornar-se responsável. São os jovens que "não querem nada com a vida", pois são acostumados a terem tudo nas mãos. Ser responsável não é ser o certinho só para agradar os outros, mas cumprir com as suas obrigações (na escola, no trabalho, em casa).

Responsabilidade é motivo de orgulho tanto para os jovens quanto para seus pais, pois o objetivo de um homem e uma mulher ao colocar um filho no mundo é que ele seja uma pessoa bem sucedida na vida, conseguindo isso com muito trabalho.

Muitas pessoas se sentem hoje realizadas por um dia terem sido responsáveis. Mas também não quer dizer que os jovens não irão se divertir e só irão pensar nas responsabilidades, como acontece com muitos deles. Isso acaba trazendo um certo transtorno, às vezes os jovens terminam envelhecendo antes do tempo e até ficam estressados.

Responsabilidade demais prejudica tanto quanto nenhuma e nos deixa cansados, achando a vida muito monótona. Ser irresponsável, entretanto, também é complicado e não atinge só o nosso físico mas também o nosso intelecto, o ponto de ninguém passar a confiar mais em nós.

Ser responsável é algo importante em nossas vidas, sinal de orgulho, um ato de jovens que realmente desejaram de ser crianças e passaram a correr atrás de seus objetivos.

Vanessa Ramalho e Sarahelly Brito

João Pessoa, setembro de 2002

Fonte: Arquivo próprio

O trabalho de ensino de língua materna e estrangeira em escolas particulares de 1º e 2º graus era, em sua grande maioria, focado na perspectiva da gramática tradicional e muito voltado para a preparação dos alunos para o vestibular ou para o Processo Seletivo Seriado da UFPB. No entanto, a minha formação em Linguística Aplicada e em Letras (graduação e doutorado) foi me permitindo, ao longo dos 9 anos que lecionei nessas instituições, realizar experimentos mais interacionistas, seja no ensino de leitura ou de produção textual. No entanto, foi em uma escola de línguas onde pude vivenciar uma abordagem de ensino de base mais comunicativa e construtivista, conforme relato na próxima seção.

Ensino em escola de idioma

O curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras abriu as portas, em 2021, para meu ingresso na escola de idioma *Yáziqi Internexus*, em João Pessoa. Nessa instituição atuei inicialmente como professor de língua espanhola e, posteriormente, como professor de língua inglesa e de português para estrangeiros.

A instituição adotava a abordagem comunicativa (*Communicative Approach*) de ensino de línguas estrangeiras, com forte influência das correntes interacionistas de ensino e de linguagem, em que se destacam Vygotsky, Hymes, entre outros. Investia na formação continuada dos docentes, com reuniões de formação pedagógica semanais, incentivo para participação em eventos e com um plano de carreira que beneficiava os docentes com cursos de pós-graduação (especialização a doutorado). Convém ressaltar que a rede de escolas de idioma *Yáziqi Internexus*, nessa época, possuía um Instituto de Linguística Aplicada, que produzia o próprio material didático (livros, plataforma virtual e afins) e promovia um congresso bianual, com apresentação e publicação de trabalhos científicos de autoria dos professores da rede *Yáziqi*.

Figura 12 Docentes, equipe pedagógica e administrativa do Yázigi por ocasião do VI *Yázigi Internexus Language Teaching Seminar* (São Paulo, 2003)



Fonte: Arquivo Próprio

Figura 13: Oficina sobre ensino de Gêneros Textuais para Língua Espanhola³, em parceria com a professora Ruth Marcela Bown Cuello no VI *Yázigi Internexus Language Teaching Seminar* (São Paulo, 2003)



Fonte: Arquivo próprio

- 3 Essa oficina rendeu o trabalho intitulado “Los distintos géneros del discurso en el Planeta”, publicado nos anais do referido seminário, e que foi premiado como o melhor trabalho em Língua Espanhola do evento.

Na escola *Yázigi Internexus* tive a oportunidade de aprender a trabalhar com o ensino de língua estrangeira em uma perspectiva comunicativa e interacionista, voltada para a língua em uso. Compreendi, de fato, que essa perspectiva de ensino, focada nas funcionalidades comunicativas, é um diferencial no processo de aprendizagem e de aquisição da linguagem. Entendi e experimentei o ensino voltado para o desenvolvimento das competências comunicativas e das habilidades linguísticas (escuta, fala, leitura e escrita).

Foi também nessa escola que experimentei, pela primeira vez, o ensino mediado pelas novas tecnologias de informação, em especial pela *Internet* e em plataformas de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o *Yázigi Internexus* foi vanguardista no Brasil, ao trazer, no início dos anos 2000, uma plataforma desenvolvida para o ensino à distância (a *House of English*) e adotar cursos híbridos de ensino de inglês como língua estrangeira. Essa experiência foi extremamente significativa na minha vida profissional e um diferencial que me auxiliou posteriormente no trabalho com os cursos de EAD (Educação à Distância) da UFPB e com os projetos de formação docente.

Primeiras experiências no ensino superior

Minha primeira experiência como docente no ensino superior foi nas Faculdades Asper, em João Pessoa, em agosto de 2004, inicialmente como professor de Língua Inglesa para o curso de Ciências da Computação. Posteriormente, lecionei Língua Espanhola para o curso de Hotelaria. O ingresso nessa instituição devo à recomendação da professora Nadilza Moreira, da UFPB.

Nas Faculdades Asper, tive a oportunidade de vivenciar o ensino de línguas estrangeiras para fins específicos, uma outra visão de ensino de idiomas. Foi uma experiência importante na minha vida profissional, no sentido de que abriu as portas para o ensino superior, permitiu-me experimentar uma nova modalidade de ensino de línguas estrangeiras e, ainda, construir boas relações profissionais. Ali permaneci até o ano de 2006, quando ingressei como professor substituto na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Tive uma passagem muito rápida pela UEPB, no *Campus* III, em Guarabira, tendo lecionado nessa instituição por apenas um semestre letivo. Esse ingresso se deu por meio de aprovação em um processo seletivo para professor substituto na área de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa. Esse curto período, no entanto, foi extremamente significativo, porque pude vivenciar a realidade de um *campus* do interior e a dinâmica de uma universidade pública e estadual.

Na UEPB lecionei, no curso de Letras, as seguintes disciplinas: Oficina de Língua Inglesa (Inglês Instrumental), para a habilitação de língua portuguesa; Língua Inglesa I Literaturas de Língua Inglesa II e Teoria e Prática de Tradução, para a habilitação de língua inglesa. Nessas disciplinas, vivenciei outra perspectiva do ensino de línguas estrangeiras no Brasil: o ensino do idioma estrangeiro nos cursos de licenciatura, responsáveis pela formação de novos docentes.

O ensino de línguas estrangeiras ou segundas línguas nos cursos de Licenciatura em Letras, no Brasil, tem enfrentado um grande desafio, nas últimas décadas. Primeiro, porque a grande maioria dos alunos que ingressam não têm fluência no idioma; segundo, porque a infraestrutura de equipamentos e materiais nem sempre é adequada, realidade que enfrentei enquanto aluno e enquanto docente. Assim, o currículo desses cursos necessita ser reestruturado de modo que a) os alunos, docentes em formação, aprendam ou adquiram o idioma, desenvolvendo e melhorando sua fluência; b) sejam trabalhados os conteúdos específicos da língua, no que se refere aos aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos; c) sejam apresentadas e estudadas as produções literárias produzidas no idioma; e e) sejam trabalhados os aspectos e conteúdos didático-pedagógicos relativos ao processo de ensino-aprendizagem da língua.

Essa realidade é extremamente desafiadora para os docentes desses cursos de licenciatura em línguas estrangeiras, porque necessitam, ao mesmo tempo, desenvolver a fluência dos licenciandos, trabalhar os conteúdos de língua e de literatura e, simultaneamente, as competências pedagógicas para o ensino do

idioma. E isso tudo, na maioria das vezes, sem as condições necessárias, tais como laboratórios, equipamentos e biblioteca com acervo especializado.

No curso de Letras do campus III da UEPB, ao vivenciar essa realidade de ensino, tive que buscar e desenvolver estratégias facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem, adequando-as à realidade de meus alunos. A parceria com os demais professores que atuavam no curso foi indispensável. Quero citar aqui, como forma de agradecimento, as professoras Anna Líbia Chaves, Bárbara Cabral, Eliane Melo e Mônica Santana, pela parceria acadêmica.

Se já é desafiador para os docentes do curso, para os alunos esse desafio aumenta consideravelmente, especialmente para aqueles que vêm das classes mais populares, que não tiveram nem têm acesso a uma escola de idiomas, a determinados bens culturais (lembro aqui de alunos do interior que nunca haviam ido ao cinema) tampouco à possibilidade de viajarem para fora do país e participarem de uma atividade de imersão na língua. Considere-se, ainda, a dificuldade desses alunos no sentido de adquirirem material em língua estrangeira, geralmente importados e caros. Não lhes resta outra opção senão a fotocópia, a utilização de materiais facilitadores elaborados pelos próprios docentes. Obviamente que a *internet*, nos dias atuais, torna acessíveis muitos materiais e bens culturais. No entanto, nem todos os alunos têm acesso a uma conexão de *internet* de qualidade.

A minha saída da UEPB se deu em julho de 2006, quando fui nomeado para professor efetivo de língua portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), para o *Campus* de Cuité, após aprovação em concurso público de provas e títulos. No entanto, não cheguei a lecionar na UFCG porque, antes mesmo de completar 30 dias na UFCG, foi publicada minha nomeação para a Universidade Federal da Paraíba, como professor de Língua Portuguesa, instituição em que trabalho até os dias atuais. A esse respeito tratarei no próximo capítulo.

5. A docência na UFPB: ensino, pesquisa e extensão

O meu ingresso na Universidade Federal da Paraíba deu-se através de concurso público, realizado em maio de 2006, para o Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAÉ), que acabara de ser criado e cujas obras estavam sendo iniciadas. Tomei posse na UFPB em 01 de setembro de 2006, no prédio da Reitoria, e fui lotado no Departamento de Ciências Sociais do CCAÉ.

O CCAÉ é um *campus* universitário que funciona com duas unidades, nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, e foi criado através do programa de interiorização das Instituições Federais de Ensino, uma política de expansão que visava levar educação superior, técnica e tecnológica às regiões mais afastadas dos grandes centros, como vetor de desenvolvimento educacional, social e econômico. A região do Litoral Norte paraibano é constituída por cidades de médio e pequeno portes, comunidades indígenas (aldeias) do povo potiguara e comunidades pesqueiras e de agricultura familiar, com o menor índice de desenvolvimento humano do estado, embora seja grande produtora de cana de açúcar, com grandes usinas.

Assim, a criação do *Campus IV* foi de grande importância para o desenvolvimento regional e, como um dos primeiros professores nomeados para o *campus*, acompanhei de perto todo o seu processo de implantação, as lutas dos docentes, técnicos e estudantes para a finalização de obras, realização de concursos, compra de equipamentos e criação das condições mínimas de funcionamento do CCAÉ.

Figura 14 Campus IV da UFPB (Mamanguape, 2015)



Fonte: Arquivo próprio

É importante assinalar que o CCAE está localizado em um território indígena e isso se observa diariamente não apenas pelo fato de que parte de nossos alunos são indígenas, mas também pela sua vocação para a extensão universitária, pela própria natureza de parte dos cursos que ali funcionam, a exemplo de Antropologia e Ecologia¹, e no espírito de luta de grande parte da comunidade acadêmica. Isso fez e faz uma diferença muito grande no trabalho que ali realizo, mas também na construção de minha identidade, enquanto educador e enquanto descendente indígena.

O contato com meus alunos *potiguara* e com o Litoral Norte da Paraíba fez-me resgatar a história da minha família, a minha ancestralidade e me assumir

1 O CCAE possui hoje 11 cursos de graduação presencial (licenciaturas em Letras-Português, Pedagogia, Matemática e Ciências da Computação e bacharelados em Antropologia, Ecologia, Sistema de Informação, Secretariado Executivo Bilingue, Contabilidade e Administração) e 02 cursos de graduação à distância (licenciaturas em Letras-Língua Inglesa e em Letras-Língua espanhola). Além disso, possui três programas de pós-graduação: Programa de Mestrado Profissional em Letras, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Meio Ambiente e Programa de Pós-Graduação em Antropologia, esse último em parceria com o Campus I da UFPB.

indígena. Fez-me ainda compreender a importância da universidade se deslocar para o interior, para essas regiões cujos habitantes nem sempre têm como acessar os grandes centros para estudar ou se qualificar. No entanto, é preciso ressaltar que é um desafio diário lidar com ensino superior e educação em *campi* de interior, em razão de suas próprias características, das dificuldades sociais, econômicas e educacionais que as comunidades do entorno enfrentam.

Decorridos 16 anos de trabalho nessa instituição, no Litoral Norte da Paraíba, posso afirmar que não é fácil ser professor, pesquisador e extensionista em um *campus* de interior, mas é extremamente necessário. Esses *campi*, mais do que vetores de desenvolvimento econômico, social e educacional, transformam a vida de milhares de jovens e famílias, que sem a sua existência jamais teriam condições de se qualificarem, de buscarem novas oportunidades no mercado de trabalho e de encontrarem uma perspectiva de crescimento pessoal e profissional.

Figura 15 Colação de grau (Mamanguape, junho de 2017)



Fonte: Arquivo próprio

No *campus* IV, presenciei muitos pais e mães de família chorarem nas colações de grau porque tiveram o primeiro filho se graduando. Presenciei e presencio a cada semestre o auditório do *campus* cheio de indígenas, de filhos de agricultores e de trabalhadores do corte da cana de açúcar, de jovens moradores

da periferia ou das cidades circunvizinhas que finalizam seus cursos na expectativa de novas oportunidades de vida.

Feitas essas considerações iniciais, nas seções seguintes, resumirei as atividades de ensino, pesquisa e extensão que desenvolvi nesses 16 anos de minha estância no CCAE.

Atividades de ensino

A minha atuação enquanto docente nos cursos de graduação do CCAE deu-se, inicialmente, nos cursos de bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue e em Ciências Contábeis e na licenciatura em Ciências da Computação, em disciplinas como Português Instrumental, Língua Portuguesa I e II e Redação Comercial e Oficial I e II. Em razão da carência de docentes no curso de Secretariado, lectionei também as disciplinas de Comunicação Empresarial, Língua Espanhola e Redação Comercial em Espanhol, embora não tivesse sido concursado nessa área.

Quando da criação do curso de Letras Língua Portuguesa, passei a lecionar disciplinas mais específicas de Língua Portuguesa e Linguística para Letras. E, posteriormente, disciplinas da área de Linguística e Linguística Aplicada no curso de Letras Língua Espanhola na modalidade EAD. O quadro 01, a seguir, lista as disciplinas ministradas, por curso.

Quadro 01: Disciplinas ministradas nos cursos de graduação

CURSO	DISCIPLINAS MINISTRADAS
Ciências da Computação	Português Instrumental
Ciências Contábeis	Português Instrumental
Secretariado Executivo Bilíngue	Língua Portuguesa I, Língua Portuguesa II, Redação Comercial e Oficial I, Redação Comercial e Oficial II, Comunicação Empresarial, Língua Espanhola I, Redação Comercial em Espanhol.

CURSO	DISCIPLINAS MINISTRADAS
Letras Língua Portuguesa	Leitura e Produção de Texto, Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, Semântica, Pragmática
Letras Língua Espanhola EAD	Teorias Linguísticas II, Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Espanhola I, Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Espanhola II

Fonte: Currículo Lattes do autor e plataforma SIGAA

O desafio inicial que se me apresentou ao chegar ao Campus IV surgiu nas disciplinas de Redação Comercial e Oficial, pela falta de material bibliográfico e em razão da qualidade dos que estavam disponíveis no mercado, constituídos por manuais de redação na perspectiva normativa de língua. Essa dificuldade acabou sendo um vetor para a realização de pesquisas na área. Com o intuito de investigar os gêneros discursivos do universo empresarial e oficial (formulaicos) e, conseqüentemente, produzir material bibliográfico para essas disciplinas, elaborei o projeto intitulado “ESTUDOS SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVOS DE GÊNEROS DO DISCURSO: Redação escolar e gêneros formulaicos (ESAGD)”, do qual falarei mais adiante.

Do ponto de vista pedagógico, adotei o procedimento das sequências didáticas de Dolz et al (2004), que me possibilitou uma estratégia de ensino mais significativa para a produção textual dos gêneros acadêmicos e formulaicos, seja nas disciplinas de Português Instrumental e Língua Portuguesa I e II, seja nas disciplinas de Redação Comercial e Oficial I e II e de Redação Comercial em Espanhol. A adoção desse procedimento permitiu minimizar grande parte dos problemas de produção textual dos alunos e dar-lhes o acesso a esses gêneros, como também resultou em produção bibliográfica (trabalhos completos publicados em anais de evento e artigos em revistas científicas). Assim, associei o ensino à pesquisa, seja no que se refere à descrição dos gêneros acadêmicos e formulaicos, com foco nos aspectos argumentativos, seja no que se refere à

investigação do processo de ensino-aprendizagem desses gêneros, a partir do procedimento da sequência didática.

Com relação às disciplinas ministradas no curso de Letras-Língua Portuguesa não encontrei grandes desafios, quiçá pela própria natureza das disciplinas e da minha formação na área. Sobre as disciplinas ministradas no curso de Letras-Língua Espanhola modalidade EAD também não encontrei grandes dificuldades para elaborar as disciplinas, postá-las na plataforma *Moodle* e realizar todo o acompanhamento necessário. Isso se deu por diversas razões: primeiro, porque já tinha experiência com o ensino à distância; segundo, porque a UFPB Virtual oferecia um excelente suporte para nós docentes, com tutores, visita aos polos e recursos para elaboração de material didático; e, terceiro, porque a coordenação do curso era extremamente presente e atuante, dando-nos todo o suporte pedagógico necessário. Infelizmente, nos últimos anos, temos presenciado uma escassez de recursos que precariza a EAD, impossibilitando-nos de produzir novos materiais didáticos, visitar os polos e realizar outras ações pedagógicas, sem mencionar a descontinuidade no ingresso de alunos nos cursos (o ingresso se dá agora por edital sem periodicidade definida).

Figura 16 Atividade com alunos da EAD no Pólo de Itaporanga (maio de 2017)



Fonte: Arquivo próprio

Com relação ao ensino de graduação, gostaria ainda de refletir a respeito do perfil dos alunos que recebemos não só no Campus IV, mas em todas as instituições federais de ensino superior. É inegável que as políticas de cotas do governo federal deram acesso aos estudantes das escolas públicas, aos negros e indígenas, ao ensino superior. Inegável também que o perfil de nossos alunos mudou e isso exige de nós docentes a adoção de novas medidas, do ponto de vista do ensino, para que esse aluno não só se integre no universo acadêmico, como supere as dificuldades inerentes à sua formação escolar.

Esse fato por si só é um desafio que precisamos enfrentar na sala de aula. Para mim, pessoalmente, esse nunca foi um problema, porque me vejo nesses alunos. Eu também fui oriundo da escola pública e sei que é possível a permanência desse aluno quando devidamente assistido. Para mim, no entanto, foi uma oportunidade para buscar novas formas de ensinar, rever as metodologias adotadas, com a inclusão de diversas atividades dentro e fora de sala de aula, mas sem nunca renunciar à qualidade do ensino. Facilitar a aprendizagem não significa negligenciá-la. E nosso aluno sabe disso. Isso implica em mais trabalho, obviamente, mas o resultado é sempre muito promissor. Vivencio diariamente essa realidade no CCAE, ao presenciar o envolvimento dos nossos alunos indígenas, negros e pardos oriundos da escola pública nos projetos de ensino, pesquisa e extensão, no compromisso que esses têm com o *campus* e com a comunidade.

Assinalo, ainda, que minha atuação no ensino da graduação se deu também com orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso, geralmente voltados para a descrição de fenômenos semântico-argumentativos em diferentes gêneros discursivos, ou ainda voltados para o ensino de língua. Ao todo foram 20 orientações, das quais 11 no curso de Letras-Língua Portuguesa e 09 no curso de Secretariado Executivo Bilíngue. Orientei ainda 25 planos de pesquisa de iniciação científica, com alunos desses dois cursos, e 02 alunos de extensão do curso de Letras-Língua Portuguesa. Atualmente, estou com uma orientação

de TCC e outra de Iniciação Científica em andamento. Todos os trabalhos orientados ou em orientação estão listados no meu currículo lattes, que pode ser acessado na plataforma do CNPq².

A minha atuação como professor de pós-graduação iniciou em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), no *campus* I da UFPB, em razão do meu credenciamento naquele programa. Ali atuo na linha “Linguagem, sentido e cognição” e, inicialmente, fiz parceria com a professora Lucienne Espíndola, que foi minha orientadora de doutorado, na coordenação do Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT). No PROLING, tenho ministrado as disciplinas Fundamentos em Semântica e Seminários Avançados em Semântica (Semântica Argumentativa), que estão relacionadas às pesquisas que desenvolvo no Programa, em conjunto com meus orientandos de mestrado e doutorado.

No PROLING, orientei 10 dissertações de mestrado e 7 teses de doutorado, além de 07 trabalhos monográficos na Especialização em Língua Portuguesa, que foi oferecida pelo Programa nos anos de 2009 e 2010. Atualmente estou com 04 orientações de doutorado em andamento e duas vagas de mestrado em edital para o próximo semestre. Os trabalhos de mestrado e doutorado orientados versaram sobre a descrição de fenômenos argumentativos linguísticos em gêneros discursivos, com exceção de duas dissertações de mestrado que estavam voltadas para o ensino (uma de produção textual e outra de leitura).

No ano de 2011, fiz parte do grupo de docentes que propôs a criação do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino (MPLE), do *Campus* I da UFPB, no qual ministrei a disciplina Leitura e Ensino. Ali orientei uma dissertação de mestrado, voltada para o ensino de produção textual. Descredenciei-me do MPLE em 2013 em razão do meu ingresso no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), no *campus* IV da UFPB.

Optei pelo credenciamento no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), para o Polo da UFPB em Mamanguape, por dois motivos:

2 Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1387440188491826>

primeiro, por ser um Programa que funcionaria no Campus IV, em que estou lotado, e, segundo, pelo perfil do público-alvo, professores de língua portuguesa graduados em Letras e efetivos na escola pública. A possibilidade de trabalhar com formação de professores e orientar pesquisas voltadas para o ensino de língua portuguesa, com impacto direto na sala de aula da escola pública, foi determinante na minha decisão.

No PROFLETRAS, leciono a disciplina Ensino de Escrita, Didatização e Avaliação, e já orientei 09 dissertações de mestrado todas voltadas para o ensino de produção textual, escrita ou oral, com especial foco para aspectos argumentativos retóricos e linguísticos. Atualmente, estou com 02 orientações dissertações de mestrado em andamento. As teorias que fundamentam as investigações são especialmente os estudos dos gêneros discursivos, a partir de Bakhtin (1992[2000]), o procedimento da sequência didática, de Dolz et al (2004), além dos estudos sobre a argumentação linguística, com Ducrot (1984, 1988) e colaboradores, e sobre a argumentação retórica, a partir de Perelman (1999), entre outros autores. A opção pela investigação a respeito do ensino de produção textual ocorreu por observar que essa ainda é uma grande dificuldade no ensino de língua portuguesa na educação básica, por parte dos professores, e por acreditar que é possível traçar estratégias e metodologias eficazes para o ensino de produção oral e escrita, teoricamente orientadas.

O quadro 02, a seguir, sumariza todas os trabalhos orientados ou em orientação desde o meu ingresso na UFPB.

Quadro 02 – Orientações

Natureza	Curso/ Programas	Concluí- das	Em anda- mento	Total
Iniciação Científica	Letras	11	1	26
	Secretariado	14	-	

Natureza	Curso/ Programas	Concluí- das	Em anda- mento	Total
TCC – Graduação	Letras	11	1	21
	Secretariado	09		
Especialização	Língua Portu- guesa/PROLING	7	-	7
Mestrado	PROLING	10	-	22
	MPLE	1	-	
	PROFLETRAS	9	2	
Doutorado	PROLING	7	4	11
Extensão	Letras	2	-	2
Total	-	81	8	89

Fonte: Currículo Lattes do autor e plataforma SIGAA

Observar que, ao longo desses 16 anos, orientei 81 trabalhos e estou com 8 orientações em andamento é bastante significativo, não apenas pela quantidade, mas pela própria natureza dos trabalhos orientados: são diversos em sua forma, no sentido de que vão de trabalhos de TCC a teses de doutorado, mas mantêm uma coerência teórico-metodológica, uma vez que ou são de natureza descritiva, focados em fenômenos semântico-argumentativos em diversos gêneros discursivos, ou são de natureza aplicada, voltados para o ensino de língua, especialmente no que se refere à leitura e à produção textual. Essa coerência teórico-metodológica permite um trabalho contínuo e focado.

Gostaria, aqui, de pontuar a satisfação que o trabalho de orientação traz ao professor. É quando o ensino ganha em essência e completude, porque permite o trabalho individualizado e nos permite agir como mestre, como tutor do conhecimento. Complementa o trabalho de sala de aula, possibilitando aquilo

que nem sempre é possível fazer com tanta propriedade, quando estamos ministrando disciplinas: acompanhar o desenvolvimento do indivíduo no processo de construção do conhecimento, agir diretamente no fazer do outro, criando condições para que ele desenvolva suas potencialidades.

Orientar é um prazer, e é também uma atividade de profunda imersão na produção do conhecimento, porque construímos com o outro. Mas isso só acontece quando a gente se abre para acolher e se permite ser acolhido. Esse movimento permite criar vínculos profissionais e pessoais. Aprendi isso com a professora Lucienne Espíndola, minha orientadora de doutorado, e tento reproduzir com meus orientandos. Tem funcionado: a prova é que tenho orientandos que começaram comigo na Iniciação Científica e se perpetuaram até o doutorado. Outros, com o doutorado já finalizado e atuando tanto na UFPB como em outras instituições de ensino, continuam colaborando com o nosso grupo de pesquisa, realizando atividades de ensino e de pesquisa, em parceria.

Figura 17: Orientanda de Iniciação Científica recebendo prêmio no XV ENIC (2012). Hoje, aluna de doutorado no Proling e professora efetiva no ensino superior.



Fonte: Arquivo próprio

Cada orientando ou orientanda tem sua importância e implica uma parceria que se estabelece no ensino e na pesquisa, do trabalho empírico à produção do texto, seja ele relatório, monografia, dissertação ou tese. Com cada orientado ou orientanda, construímos uma história, que não se traduz, necessariamente, no produto final, mas na própria parceria ao longo do processo, que, por questão de espaço e de tempo, não poderemos relatar individualmente aqui.

Além das disciplinas ministradas e das orientações realizadas na graduação e na pós-graduação, tive a oportunidade de ministrar minicursos, seja de forma individual ou em parcerias com colegas de outras instituições de ensino superior, tanto na UFPB como em outras instituições, como convidado. Destaco três deles, realizados durante o período da pandemia da COVID 19:

- Argumentação e Ensino (15h), ministrado em parceria com a professora Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa (UFCG) para o PROFLETRAS, em rede nacional, em outubro de 2020;
- Argumentação: procedimentos metodológicos (participação em 06h como convidado), organizado pela professora Isabel Azevedo (UFS) – em julho de 2020.
- Polifonia Enunciativa: princípios teóricos e procedimentos de análise (15h), ministrado para alunos do PROLING, em agosto de 2020.

Figura 18 Minicurso Argumentação e Ensino (08 de outubro de 2020)



Fonte: Arquivo próprio

Decorrente do trabalho de ensino e da atuação na graduação e na pós-graduação, é importante mencionar, ainda, a participação em bancas de trabalhos de conclusão de curso, momento em que contribuí como avaliador da produção de orientandos nossos ou de nossos parceiros e colegas de trabalho, tanto no âmbito dos programas e cursos em que atuo, como em outros programas da UFPB e de outras instituições. Nesse sentido, gostaria de mencionar que participei de 13 bancas de qualificação e 15 de defesa de tese de doutorado; 59 bancas de qualificação e 44 de defesa de dissertação de mestrado; e 21 bancas de trabalho de conclusão de curso de graduação.

Na qualidade de avaliador, participei ainda de 10 bancas de concurso de professores substitutos ou efetivos da UFPB ou de outras instituições e 13 bancas de outras naturezas (tais como correção de provas do ENEM, do Processo Seletivo Seriado da UFPB, avaliador de projetos ou relatórios de pesquisa ou de extensão de órgãos de fomento, entre outros).

Cabe, aqui, uma reflexão sobre o papel de avaliador, uma tarefa inerente ao fazer pedagógico e acadêmico. Acredito em uma concepção de avaliação voltada para a formação do sujeito, que considera não apenas o produto, mas também o processo, algo nem sempre fácil de mensurar quando estamos em banca de avaliação. No entanto, nessas circunstâncias, mais do que identificar problemas decorrentes da escrita ou da investigação, o mais importante é contribuir com a realização da investigação, especialmente nos exames de qualificação, e os desdobramentos da pesquisa, para os trabalhos finais. É nesse sentido que tenho tentado atuar nas bancas, a fim de contribuir com a qualidade da pesquisa científica e com a produção acadêmica, tanto na graduação como na pós-graduação.

Avaliar implica também a consciência de que mensuramos, qualificamos ou quantificamos um momento da produção do sujeito, e não o todo. O que deve ser feito sempre a partir de parâmetros e de critérios previamente estabelecidos, mesmo quando se está em um processo de seleção. Esses elementos são importantes não apenas para minimizar os aspectos subjetivos, como também para evitar o cometimento de injustiças, o que não é tarefa fácil.

Ciente disso é que, especialmente nas bancas de qualificação, tento me colocar no papel do aprendiz, que, mais do que receber um conceito (aprovado ou reprovado), espera uma contribuição, a fim de solucionar as dificuldades que se lhe apresentam no processo de escrita ou de investigação. A avaliação que realizamos, enquanto docentes ou pesquisadores, sobre o trabalho do outro pode e deve ser uma ferramenta de ensino-aprendizagem, motivando-o a seguir em frente, a buscar a qualidade no trabalho e na pesquisa.

Obviamente que não podemos perder de vista, enquanto avaliadores, que temos o papel de contribuir para a manutenção da qualidade do que é produzido em termos de conhecimento e de ciência. No entanto, sei que é possível e necessário conciliar o papel de “guardião” com o papel de “motivador” do conhecimento, de maneira a contribuir tanto com a qualidade do conhecimento produzido em nossas instituições como com o desenvolvimento cognitivo e social dos nossos alunos e aprendizes.

Uma vez descritas as atividades de ensino realizadas no âmbito da UFPB, apresento, na próxima seção, as atividades de pesquisa por mim desenvolvidas ou coordenadas.

Atividades de pesquisa

Quando ingressei na UFPB, dei continuidade às minhas investigações e estudos sobre a argumentação na língua, objeto de minha tese de doutorado. Para tal, submeti ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (*Campus I* da UFPB) o projeto intitulado “ESTUDOS SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVOS DE GÊNEROS DO DISCURSO: Redação escolar e gêneros formulaicos (ESAGD)”, aprovado em maio de 2007. Assim, tive meu ingresso na linha “Linguagem, sentido e cognição” e ingressei no grupo de pesquisa “Texto: produção e recepção sob vários olhares”, então coordenado pela professora Lucienne Espíndola.

Inicialmente, o projeto se voltou à realização de pesquisas descritivas sobre a argumentação linguísticas na redação escolar e em gêneros formulaicos (do universo empresarial e oficial) e foi desenvolvido até o ano de 2012, quando foi

ampliado para incluir os gêneros acadêmicos, no período de 2013 a 2016, dessa feita com o título “Estudos Semântico-Argumentativos de Gêneros do Discurso: gêneros acadêmicos e formulaicos (ESAGD)”. A primeira versão do projeto gerou 105 produções e a segunda, 55 (apresentação de trabalhos, organização de eventos, resumos, trabalhos completos, artigos em periódicos e capítulos de livros, e publicação ou organização de livros). Convém assinalar que o corpo teórico-metodológico desse projeto tem como base a Teoria da Argumentação na Língua, de Ducrot (1987, 1988) e colaboradores, além dos estudos sobre o fenômeno da modalização discursiva.

O projeto ESAGD foi submetido a edital do CNPq destinado à manutenção de pesquisadores em *campi* de interior, em 2009, e foi aprovado, com obtenção de recursos para compra de equipamentos e materiais, contratação de serviços e bolsas, por um período de 3 anos, para o coordenador e para um aluno de iniciação científica. A aprovação nesse edital foi de fundamental importância para que conseguíssemos criar a infraestrutura necessária para a realização das investigações. Os recursos desse edital permitiram ainda a organização do livro “A Argumentação na Redação Comercial e Oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos”, publicado pela Editora Universitária da UFPB, em 2012. Essa obra tornou-se referência para as disciplinas de Redação Comercial e Oficial não só no curso de Secretariado Executivo da UFPB, mas também de outras instituições de ensino superior.

A continuidade das investigações descritivas sobre a argumentação em diferentes gêneros e contextos de língua em uso se deu através do projeto “Estudos semântico-argumentativos e enunciativos na língua e no discurso: marcas de (inter)subjetividade e de orientação argumentativa (ESAELD)”, que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2016. Com esse projeto, ampliamos o escopo das investigações para incluir estudos mais recentes da Teoria da Argumentação na Língua, tal como os estudos sobre o fenômeno do SE-Locutor, de Anscombe (2005, 2010), os estudos polifônicos de García Negroni (2019) e, mais recentemente, a Teoria dos Blocos Semânticos, de Carel e Ducrot (2005). Ampliamos

também os *corpora* pesquisados, para incluir gêneros dos seguintes ramos de atividade humanas: jurídico, político, jornalístico e escolar. No projeto ESAELD já foram geradas 70 produções de diferentes naturezas.

No ano de 2012, para desenvolver as pesquisas junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (MPLE), elaboramos o projeto de pesquisa intitulado “Ensino de Leitura e de Produção de Gêneros do Discurso: perspectiva semântico-discursiva, a partir de Sequências Didáticas (ELPGD)”, que ainda se encontra em desenvolvimento, hoje, no PROFLETRAS (Programa de Mestrado Profissional em Letras, em rede nacional). Esse projeto adota diferentes correntes que tratam do ensino de língua, especialmente aquelas voltadas para o ensino de leitura e de produção de gêneros discursivos. A concepção de gênero adotada é a de Bakhtin (1992), que os define como tipos relativamente estáveis de enunciados. O projeto ELPGD já gerou 66 produções, não só científicas (apresentação de trabalhos, resumos, trabalhos completos, artigos em periódicos e capítulos de livros, e publicação ou organização de livros), como também técnicas (curso de formação de professores, minicursos, organização de eventos etc.).

O quadro 03, a seguir, sumariza os projetos de pesquisa que coordenei ou coordeno, ao longo desses 16 anos e o quantitativo de suas respectivas produções:

Quadro 03: Projetos de pesquisa

Período de realização	Projeto	Vinculação institucional	Produções
2007–2012	Estudos Semântico-Argumetativos de Gêneros do Discurso: Redação escolar e gêneros formulaicos (ESAGD)	Departamento de Letras–CCAE / PROLING / CNPq	105
2013-2016	Estudos Semântico-Argumetativos de Gêneros do Discurso: gêneros acadêmicos e formulaicos (ESAGD)	Departamento de Letras-CCAE / PROLING	55

Período de realização	Projeto	Vinculação institucional	Produções
2012–atual	Ensino de Leitura e de Produção de Gêneros do Discurso: perspectiva semântico-discursiva, a partir de Sequências Didáticas (ELPGD)	Departamento de Letras – CCAE / PROFLETRAS	66
2016–atual	Estudos semântico-argumentativos e enunciativos na língua e no discurso: marcas de (inter) subjetividade e de orientação argumentativa (ESAELD)	Departamento de Letras – CCAE / PROLING	70

Fonte: Currículo Lattes do autor

É importante salientar que as investigações relacionadas a esses projetos ocorrem em dois laboratórios diferentes: o LASPRAT (Laboratório Semântico-Pragmático de Textos), ligado ao Proling/UFPB, no Campus I da UFPB, e o LAEL (Laboratório de Estudos Linguísticos), do Departamento de Letras do CCAE (Centro de Ciências Aplicadas e Educação), no Campus IV da UFPB. Os membros da equipe dos projetos estão ligados ao grupo de pesquisa “Texto: produção e recepção sob vários olhares”, credenciado pela instituição e cadastrado no CNPq, no diretório de Grupos de Pesquisa (espelho do grupo: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8847090490116014).

No que se refere ao grupo de pesquisa “Texto: produção e recepção sob vários olhares”, é importante salientar que nele ingressei em 2001, enquanto aluno de mestrado e hoje sou coordenador do grupo em parceria com a professora Francisca Janete da Silva Adelino, docente do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas do CCAE, que foi minha orientanda de doutorado. Atualmente o grupo é composto por 7 pesquisadores de diferentes instituições (4 da UFPB, 1 do IFPB, 1 da UFCG e 1 da UFERSA), além de 15 estudantes (ou alunos

egressos) de graduação, mestrado ou doutorado, distribuídos em duas linhas de pesquisa, a saber: Linguagem, sentido e cognição; Teorias Linguísticas e Ensino. As reuniões com toda a equipe são mensais e ora tratam de pesquisas em andamento, ora de discussão das teorias e metodologias que fundamentam as pesquisas do grupo.

Figura 19 Foto de reunião de grupo de pesquisa (LAEL – Campus IV, 25/05/2011)



Fonte: arquivo próprio

Figura 20 Reunião de grupo de pesquisa (Google Meet – 16/07/2020)



Fonte: Arquivo próprio

Desde o meu ingresso na UFPB, inicialmente como aluno e depois como docente, as pesquisas por mim desenvolvidas ou coordenadas têm permitido a

produção de uma vasta bibliografia, que vai desde a produção de resumos até artigos científicos publicados em periódicos, além da participação em diferentes eventos científicos, divulgando as atividades de pesquisa e extensão realizadas. O quadro 04, a seguir, sumariza a quantidade de trabalhos produzidos individualmente ou em coautoria com orientandos e parceiros de pesquisa.

Quadro 04: Publicações

Natureza	Quantidade
Artigos completos publicados em periódicos	40
Organização de edição temática de periódicos	02
Livros publicados	01
Livros organizados	08
Capítulos de livros publicados	39
Anais de eventos organizados	02
Trabalhos completos publicados em anais de eventos	51
Resumos publicados em anais de eventos	39
Apresentação de trabalhos e palestras em eventos	64
Total de produtos	245

Fonte: Currículo Lattes do autor

Os trabalhos publicados ao longo de minha carreira acadêmica, de maneira geral, versam sobre os estudos da argumentação, no âmbito da Semântica Argumentativa ou sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua materna ou estrangeira, no âmbito da Linguística Aplicada. No Currículo Lattes, disponível na plataforma do CNPq, listamos todos os trabalhos. No que se refere aos trabalhos no âmbito da Semântica Argumentativa, gostaria de destacar os seguintes:

a) O livro “Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística”, publicado pela Editora da UFPB, em 2009, que é resultado da minha tese de doutorado em Letras pela UFPB. Nessa obra, proponho que tanto o estilo indireto como o estilo direto são casos de polifonia de locutores, ao contrário do que afirma Ducrot (1987), para quem somente o estilo direto é caso de polifonia de locutores. Além disso, associo os estudos da polifonia à modalização discursiva, para mostrar como esses dois fenômenos funcionam, conjuntamente, na notícia jornalística, imprimindo argumentatividade.

Figura 21: Capa do livro Jogando com as vozes do outro (2009)



Fonte: Arquivo próprio

b) O artigo científico “A Modalização Deontica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas”, publicado pelo periódico Fórum Linguístico, em 2010, no qual faço uma descrição do fenômeno da modalização deontica, apresentando uma taxionomia (de obrigatoriedade, de possibilidade, de proibição e volitivos) que dê conta do seu funcionamento em diferentes gêneros discursivos. Ainda nesse artigo, trato da coocorrência de modalizadores enquanto fenômeno semântico-pragmático que imprime os efeitos de sentido de acentuação e atenuação modal.

c) A organização do livro “A Argumentação na Redação Comercial e Oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos”, publicado pela

Editora da UFPB, em 2012, reúne investigações desenvolvidas no âmbito do projeto ESAGD que tratam dos fenômenos semântico-argumentativos presentes nos seguintes gêneros formulaicos: memorando, ofício, carta comercial, ata, declaração, requerimento, edital e relatório. Essa obra, conforme assinamos, anteriormente, tornou-se bibliografia básica dos cursos de Secretariado Executivo em razão da descrição desses gêneros, de forma aprofundada, com foco em seus fenômenos argumentativos, em especial os índices de polifonia, os operadores argumentativos e os modalizadores discursivos. Ainda nessa obra, publiquei, em parceria com a professora Maria Joseli da Silva, do IFPB, o capítulo intitulado “O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática”, no qual apresentamos uma taxionomia para os modalizadores discursivos, distribuídos em quatro grupos (epistêmicos, deônticos, delimitadores e avaliativos), a qual tem servido de base, desde então, para as investigações sobre o fenômeno da modalização em diferentes gêneros discursivos, tanto na perspectiva descritiva, como na perspectiva aplicada ao ensino.

d) O capítulo de livro intitulado “O fenômeno do SE-Locutor: índice de polifonia e de argumentatividade na língua e no discurso”, presente no e-book “Estudos sobre argumentação no Brasil hoje: modelos teóricos e analíticos”, publicado pela editora da UFRN, em 2020, que reúne trabalhos dos membros do Grupo de Trabalho (GT) de Argumentação da ANPOLL. Nesse capítulo, a partir dos estudos de Anscombe (2005, 2010), descrevo o fenômeno do SE-Locutor em diferentes gêneros discursivos, com índice de impessoalidade discursiva e de orientação argumentativa. Esse texto torna-se relevante porque apresenta, para o Brasil, os primeiros estudos sobre esse fenômeno polifônico.

e) O *e-book* “A argumentação nos gêneros científicos e acadêmicos: a construção de sentidos e o uso da palavra alheia”, organizado por mim e pela professora Clécida Maria Bezerra Bessa e publicado pela Editora da UFPB, em 2020. Essa obra reúne trabalhos por mim orientados, no âmbito dos projetos ESAGD e ESAELD, ou de convidados e que tratam de fenômenos e estratégias semântico-argumentativas nos seguintes gêneros acadêmicos ou científicos: Projeto de

pesquisa de TCC; Monografia de TCC; resumo acadêmico, resenha acadêmica, artigo científico, ata administrativo-acadêmica, módulo ou caderno teórico, fórum de discussão, relatório de estágio.

Destaco esses trabalhos não só porque os considero significativos, mas principalmente porque reúnem os estudos descritivos sobre a argumentação feitos por mim e por meus orientandos ou ainda porque se tornaram parte da fundamentação teórico-metodológica dos estudos sobre os fenômenos de argumentação linguística descritos pelo nosso grupo de pesquisa e por outros estudiosos da área.

No que se refere aos estudos aplicados ao ensino, gostaria de destacar os seguintes trabalhos:

a) O artigo científico “O ensino da argumentação na leitura, na produção textual e na análise linguística: reflexões teórico-propositivas”, publicado na Revista do GELNE, em 2015. Nesse artigo, proponho que o ensino de argumentação, na educação básica e superior, ocorra de forma integrada ao ensino de leitura, de produção textual e de análise linguística, como também defendo que, na perspectiva do ensino, os estudos da argumentação retórica e da argumentação linguística sejam feitos de forma integrada e não de maneira dicotômica, demonstrando como isso pode ocorrer, a partir de diferentes atividades.

b) A organização do livro intitulado “Semântica e Ensino”, em parceria com a professora Mônica Mano Trindade Ferraz, publicado em 2015, pela editora CRV. Nessa obra, reunimos trabalhos orientados por mim ou pela professora Mônica Mano Trindade Ferraz, ou escrita por convidados, que tratam do ensino de diferentes fenômenos semânticos, a saber: sinonímia, hiperonímia, antonímia, operadores argumentativos, polifonia, modalização, pressuposição e humor.

c) O artigo intitulado “A Didatização da Escrita: implicações teórico-metodológicas”, publicado pelo periódico Leia Escola, em 2017. Nesse artigo, analiso as propostas de sequências didáticas de diferentes estudiosos e pesquisadores, demonstrando sua aplicabilidade e suas limitações. Para tal, tomo como base as investigações realizadas no âmbito no projeto ELPGD, por mim coordenado, no âmbito do Mestrado Profissional PROFLETRAS.

d) A organização do livro “(Re)construindo práticas docentes: o ensino de língua portuguesa e literatura na educação básica”, em parceria com a professora Laurênia Sales e publicado pela Editora da UFPB, em 2017, e do livro “Tecendo saberes, reconstruindo práticas: proposições para o ensino de língua portuguesa”, em parceria com a professora Laurênia Sales e Joseval Miranda, também publicado pela editora da UFPB, em 2021. Nessas duas obras, reunimos trabalhos desenvolvidos no âmbito do PROFLETRAS da UFPB e de outras unidades do Programa em rede nacional que tratam do ensino de língua e de literatura.

As duas obras supramencionadas reúnem capítulos escritos por mestrandos em conjunto com seus orientadores a partir de investigações de natureza intervencionista sobre o ensino de língua portuguesa e literatura, na educação básica. Seu diferencial está em apresentar procedimentos e metodologias aplicadas em sala de aula da educação básica e que obtiveram êxito, contribuindo de maneira direta para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa e de literaturas de língua portuguesa.

Figura 22 Foto das capas de obras organizadas individualmente ou em parceria



Fonte: Arquivo próprio

A figura 22 é constituída pela capa das obras que organizei individualmente ou em parceria com outros professores e pesquisadores, tanto da UFPB como de outras instituições.

Além das produções bibliográficas, considero de extrema relevância o trabalho de divulgação realizado em eventos acadêmicos e científicos, ao longo dos anos. Realizamos 64 apresentações de trabalhos ou palestras em eventos locais, regionais, nacionais ou internacionais e participamos ainda da organização dos seguintes eventos:

- Colóquio de Semântica – PROLING/UFPB–João Pessoa, 2019;
- II Encontro de Letras do Litoral Norte da Paraíba–Mamanguape, 2019;
- I Encontro de Letras do Litoral Norte da Paraíba–Mamanguape, 2017;
- II Seminário de Pesquisa do PROFLETRAS–Mamanguape, 2016;
- VII Conferência Linguística e Cognição – João Pessoa, 2015;
- III Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo–João Pessoa, 2013;
- I Fórum de Secretariado – Mamanguape, 2010;
- III ENSECE (Encontro de Secretariado Executivo da Paraíba)–Mamanguape, 2010.

A figura 23, a seguir, ilustra minha participação em diferentes eventos nacionais e internacionais, individualmente ou em parceria com meus orientandos e colegas parceiros de pesquisa.

Figura 23 Participação em diferentes eventos,
com orientandos e parceiros de pesquisa



I ENASEC (2010) VII SIGET (2013) CIPLOM (2013)



Jornada do GELNE (2017) SEDIAR (2018) SIMELP (2019)

Fonte: Arquivo próprio

A participação em eventos, no Brasil e no exterior, permitiu divulgar as pesquisas que realizamos e os resultados obtidos, bem como estabelecer contatos e parcerias. A esse propósito, gostaria de acentuar a importância dos eventos acadêmicos para a formação dos pesquisadores, de maneira muito especial para os que estão iniciando no universo da pesquisa. Torna-se um instrumento que permite mobilizar os discentes tanto para a produção de trabalhos como para estabelecer contatos e conhecer o que vem sendo produzido.

A divulgação em eventos foi ainda extremamente importante para que eu pudesse integrar grupos e associações de pesquisa regional e nacional. Lembro aqui que sou membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), do GT de Argumentação da ANPOLL, da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), na área de Linguística. Na área de Secretariado Executivo Bilíngue sou membro fundador da Associação Brasileira de Pesquisa em Secretariado (ABPSEC)³, associação da qual fui um de seus idealizadores e seu primeiro presidente, no biênio 2011-2013.

Além dessas produções, considero importante mencionar as atividades de consultoria e avaliação em comitês científicos e junto a periódicos e revistas científicas. Nos anos de 2010 a 2012, atuei como Consultor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, avaliando projetos e programas de fomento. No âmbito interno, atuei como membro do Comitê de Avaliação do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica da UFPB, no período de 2009 a 2012, representando o CCAE, centro em que estou lotado.

No que se refere à minha atuação junto a periódicos científicos, sou membro de corpo editorial da Revista EID&A (Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, desde o ano de 2018, e membro do comitê científico da Revista GESEC (Revista de Gestão e Secretariado), desde o ano de

3 A ABPSEC foi fundada inicialmente com o nome de Sociedade Brasileira de Secretariado – SBSECE e teve eu nome alterado, quando do registro formal, por questões de natureza jurídica.

2013. O quadro 05, a seguir, apresenta o meu trabalho como parecerista junto a diferentes periódicos.

Quadro 05: Pareceres em revistas

Periódicos	Anos de emissão de parecer
Revista de Gestão e Secretariado	2011, 2018
Revista Expectativa	2011, 2015, 2017, 2018, 2020
Revista de Estudos da Linguagem	2021
EID&A–Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação	2018, 2019, 2020, 2021
Revista do GELNE	2018, 2020
Letras em Revista	2017, 2018
Prolíngua	2016, 2021
Revista Diálogo das Letras	2013, 2020
UNOPAR Científica. Ciências Humanas e Educação	2013
DLCV (UFPB)	2010

Fonte: Currículo lattes do autor

A divulgação da produção acadêmica não se dá apenas pela publicação bibliográfica, mas também pela criação de redes e estabelecimento de vínculos acadêmicos, que fortalecem o grupo e garantem a integração e atualidade das investigações. Assim, a participação em eventos no Brasil e no exterior, a participação em grupos e associações de pesquisa, a atuação como avaliador ou consultor em periódicos e comitês científicos e o compartilhamento de publicações torna-se uma ferramenta necessária para que ocorra o reconhecimento do trabalho de pesquisa realizado.

Atividades de extensão

Além das atividades de ensino e pesquisa, tão logo ingressei na UFPB, envolvi-me em atividades de extensão, especialmente em ações voltadas para a formação docente e para o ensino de línguas. O quadro 06, a seguir, sumariza as principais ações realizadas e o período em que ocorreram.

Quadro 06: Ações de extensão

Período	Título da ação	Coordenação	Função
2021 a 2022	Entre Saberes e Práticas: formação docente de professores de Língua Portuguesa do Litoral Norte da Paraíba	Erivaldo Pereira do Nascimento e Laurênia Souto Sales	Coordenador e formador
2020 a 2022	PRÁTICAS EXTENSIONISTAS NA UFPB LITORAL NORTE: ações colaborativas, transdisciplinares, de gestão e de formação acadêmica	Lincoln Eloi de Araújo	Colaborador
2020	Mulheres no Vale do Mamanguape	Maria Angeluce Soares	Colaborador
2020	Cursinho Pré-ENEM do CCAE-UFPB: aulas, simulados e oficinas formativas como ferramenta de inclusão social	Jocélio Coutinho	Colaborador
2009 a 2012	Projeto de Extensão em Língua	Danielle de Luna e Silva	Professor formador
2008 a 2011	Ações de Linguagem em Língua Portuguesa	Prof. Regina Celi Mendes Pereira	Professor Formador
2007 a 2008	Projeto Ciranda do Saber	Prof. Lusival Antonio Barcellos	Professor Formador

Fonte: Currículo Lattes do autor

A primeira ação desenvolvida diz respeito à participação no Projeto Ciranda do Saber, coordenado pelo professor Lusival Barcellos, do Departamento de Educação do Campus IV. Essa ação, realizada nos anos de 2007 e 2008, constituía-se em um projeto de formação continuada dos professores da educação básica dos municípios de Mamanguape e Rio Tinto e era realizado em parceria com as prefeituras dessas cidades. Nesse projeto, atuamos com a realização de cursos, palestras, oficinas e acompanhamento de atividades pedagógicas junto aos professores de língua portuguesa e de língua inglesa tanto do ensino fundamental como do ensino médio.

Nos anos de 2008 e 2011, fiz parte do projeto “Ações de Linguagem em Língua Portuguesa”, coordenado pela professora Regina Celi Mendes Pereira, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB, em parceria com a Prefeitura Municipal de João Pessoa. Nesse projeto, oferecíamos ações de formação continuada para os docentes de Língua Portuguesa, que atuavam no 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. As principais atividades se constituíam em cursos e oficinas, ministradas junto aos docentes, mas também em encontros de acompanhamento pedagógicos realizados nas próprias escolas. Como resultado de minha atuação nesse projeto, apresentei e publiquei um trabalho completo em um evento internacional (V SIGET) e publiquei três capítulos de livros em obras organizadas pela coordenadora do projeto e destinadas a docentes da educação básica. Os trabalhos estão listados a seguir:

- Uso dos gêneros textuais no ensino fundamental: ainda um desafio para os professores – trabalho completo nos anais do V SIGET (NASCIMENTO, 2009).
- Gêneros jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidades leitoras – capítulo de livro (NASCIMENTO, 2010);
- Leitura no Universo Virtual: refletindo sobre a preparação de aula – capítulo de livro (NASCIMENTO, 2011);
- Gêneros textuais, argumentação e ensino – capítulo de livro (NASCIMENTO, 2012);

As ações realizadas nesses dois projetos se pautaram pela adoção da perspectiva sociointeracionista de língua, bem como pelas orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), no ensino de leitura (e escuta), de produção textual escrita e oral e de análise linguística. As formações preparavam ainda os docentes para lidar com as avaliações em larga escala do sistema SAEB, do Ministério da Educação, a exemplo da Prova Brasil.

Nos anos de 2009 a 2012, atuei como professor colaborador no Projeto de Extensão em Línguas do Departamento de Letras do CCAE, em que estou lotado. Esse projeto oferecia cursos de idiomas estrangeiros, além de cursos de formação pedagógica ou profissional na área de língua, para a comunidade externa e interna do *Campus IV* da UFPB. Nesse projeto atuei como professor de espanhol como língua estrangeira, além de ministrar um curso de Redação Comercial e Oficial para profissionais do secretariado e da gestão pública. Ministrei, ainda, cursos voltados para o ensino de língua portuguesa, especialmente para o ensino de gramática, de leitura e de escrita.

O projeto de extensão em língua, do Departamento de Letras do CCAE, foi extremamente importante para a formação de profissionais das cidades do entorno do Campus IV e era frequentado tanto por pessoas da comunidade como por estudantes e profissionais técnico-administrativos do próprio *Campus*. Permitiu, nesse sentido, a integração com a comunidade local e serviu para que percebêssemos a grande demanda não só pelos cursos de língua, mas a necessidade de formação de professores de língua no Litoral Norte da Paraíba. A partir dessa percepção, foi possível a propositura dos cursos de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa (presencial), Língua Inglesa (EAD) e Língua Espanhola (EAD) do CCAE.

Decorrente da minha própria atuação como gestor no Centro de Ciências Aplicadas e Educação, em que sou atualmente Vice-Diretor, participei ainda como colaborador em três projetos de extensão ligados direta ou indiretamente à Direção do Centro, a saber: O “CURSINHO PRÉ-ENEM DO CCAE-UFPB: aulões, simulados e oficinas formativas como ferramenta de inclusão social”, no ano de 2020; Mulheres no Vale do Mamanguape, no ano de 2020; e “PRÁTICAS

EXTENSIONISTAS NA UFPB LITORAL NORTE: ações colaborativas, transdisciplinares, de gestão e de formação acadêmica”, de 2020 a 2022. O primeiro deles consistiu em cursos de formação para docentes e discentes que atuam no Cursinho Pré-ENEM do CCAE, uma ação que atende cerca de 300 estudantes do Ensino Médio das cidades do Litoral Norte da Paraíba.

O segundo projeto, Mulheres no Vale do Mamanguape, foi coordenado pela Professora Doutora Maria Angluce Barbotin, diretora do CCAE, e visava, principalmente, promover o empoderamento de mulheres dos municípios de Rio Tinto e Mamanguape, bem como das mulheres estudantes, professoras, técnicas e terceirizadas no Campus IV; combater as violências; mapear e dar visibilidade a histórias de vida de mulheres do Vale do Mamanguape; entre outros objetivos. Através desse projeto pude compreender melhor as dificuldades, anseios e lutas enfrentadas pelas mulheres dentro e fora do mundo acadêmico e contribuir, com a minha atuação enquanto gestor e comunicador, para a criação de uma agenda de discussão no âmbito do Centro e na comunidade do entorno. A figura 24, a seguir, apresenta a logotipo do projeto Mulheres no Vale do Mamanguape, uma criação das próprias mulheres que compunham a equipe do projeto.

Figura 24 Logotipo do projeto Mulheres no Vale do Mamanguape



Fonte: Facebook do projeto (<https://www.facebook.com/groups/856551201508792>)

O terceiro projeto, intitulado “Práticas Extensionistas na UFPB Litoral Norte”, realizado pela Assessoria de Extensão com a parceria da Direção de Centro, consiste no desenvolvimento de uma série de ações estratégicas de extensão no Centro de Ciências Aplicadas e Educação por intermédio de uma gestão colegiada e colaborativa, desde o ano de 2018. O projeto, através do estreitamento das relações entre a comunidade acadêmica com a comunidade do Vale do Mamanguape, orienta as coordenações de projetos, promove ações de extensão do âmbito do CCAE e cria as condições para que os cursos e departamentos possam atuar diretamente com a comunidade local. A minha participação junto a esse projeto fez-me perceber a importância do planejamento das ações de extensão e da integração com a comunidade local, a fim de compreender e direcionar as atividades extensionistas para as reais demandas sociais.

Nesse sentido, é importante mencionar que a extensão não pode ser um simples prolongamento daquilo que fazemos enquanto professores e pesquisadores, na instituição. É importante que seja considerada a demanda real da comunidade e que haja, de fato, o diálogo, a integração do fazer acadêmico com a comunidade local, para que possamos devolver à sociedade aquilo que ela necessita realmente, e que nos alimentemos dessas necessidades para o nosso fazer científico e acadêmico, em uma parceria que se retroalimenta.

Por fim, gostaria de mencionar as ações realizadas no âmbito do projeto “Entre Saberes e Práticas: formação docente de professores de Língua Portuguesa do Litoral Norte da Paraíba”, coordenado por mim em parceria com a professora Laurênia Souto Sales. Esse projeto, que desenvolvemos nos anos de 2021 e 2022, promoveu ações de formação docente junto a professores de língua portuguesa da educação básica do Litoral Norte Paraibano e alunos da licenciatura e do mestrado profissional em Letras, tais como cursos, *lives*, mesas-redondas e atividades de acompanhamento docente, no período relativo à pandemia do COVID-19. Para tal, contamos com uma equipe formadora composta por alunas bolsistas ou voluntárias e egressos dos cursos de graduação (licenciatura) e pós-graduação (mestrado profissional), além de convidados. O projeto adotou

a concepção dialógica e interacional de língua e uma concepção de ensino/aprendizagem voltada para o desenvolvimento de competências e habilidades que consideram o real funcionamento da língua.

Coordenar esse projeto e a equipe que dela fez parte foi uma experiência extremamente importante para perceber que ações de extensão bem planejadas e bem executadas podem trazer efeitos muito positivos junto à comunidade, mesmo em situações desfavoráveis, como foi o caso de nosso projeto, realizado no período da pandemia da Covid19. Conseguimos atingir mais de 100 pessoas, entre professores da educação básica e alunos de graduação e de pós-graduação, nas atividades que realizamos.

Figura 25 Cartaz de divulgação de uma das atividades do projeto “Entre saberes e práticas”

CURSO DE EXTENSÃO:
Novas tecnologias e ensino de leitura

Início das inscrições: 04/10
Término: 18/10
Carga horária: 60h/a
Vagas: 60
Inscrições: SIGAA

Aulas: às
quartas-feiras
Horário: 19h

Org: Prof. Dr. Erivaldo Nascimento
Profa. Dra. Laurênia Sales

Entre Saberes E Práticas: Formação Docente UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CAMPUS IV

Fonte: Arquivo próprio

Figura 26 Print de mesa-redonda sobre ensino de oralidade e escrita
(13/04/2022)



Fonte: Arquivo próprio

É importante considerar que os projetos e atividades de extensão demandam, além de planejamento, a formação de equipes comprometidas com os ideais extensionistas e que se comprometam com a comunidade. Essa parece ser uma premissa indispensável, uma vez que os projetos demandam tempo, afinidade com o público-alvo e suas necessidades e habilidade de adaptação às circunstâncias e imprevistos. Além disso, os projetos precisam estar articulados com o ensino e a pesquisa, de modo a não só divulgar o que produzimos no universo acadêmico, mas principalmente gerar produção e retroalimentar o nosso fazer, a partir das demandas sociais.

Uma vez relatadas minhas ações no ensino, na pesquisa e na extensão, apresento, no próximo capítulo, as atividades de representação e de gestão que desenvolvi (ou estou desenvolvendo) no âmbito da UFPB.

6. A gestão pública e as atividades de representação

Neste capítulo, iremos apresentar as atividades desenvolvidas no âmbito da gestão acadêmica, bem como as atividades de representação ou em comissões. Para tal, organizamos este capítulo em três seções.

Tais atividades também são inerentes ao nosso fazer profissional, enquanto docentes do ensino superior, e tornam-se um desafio porque nem sempre recebemos a devida qualificação para a sua execução. No entanto são extremamente importantes porque dão o suporte para as atividades de ensino, pesquisa e extensão, ademais fornecem as condições para o exercício da gestão coletiva e colegiada, no âmbito das universidades federais, como é o nosso caso.

Atividades de gestão

Paralelamente às atividades de ensino, pesquisa e extensão assumi diferentes funções administrativas na UFPB, ao longo desses 16 anos como docente. Entre as principais atribuições que assumi estão a de coordenador de curso de graduação, chefe de departamento e vice-diretor de Centro, além de assessor de ensino e de pesquisa, conforme demonstrado no quadro 07.

A primeira atividade de gestão que assumi na UFPB foi como coordenador do curso de bacharelado em Secretariado Executivo Bilingue do CCAE (Centro de Ciências Aplicadas e Educação), no período de 29/04/2009 a 07/10/2011. Assumi a coordenação do curso, em conjunto com a professora Danielle Luna, com o objetivo de organizá-lo para o processo de reconhecimento, o que foi um enorme desafio considerando que o Campus IV ainda estava em construção; livros, materiais e equipamentos ainda estavam sendo adquiridos. Ainda enfrentávamos dificuldades do ponto de vista pessoal, porque o corpo docente

ainda estava sendo concursado e a liberação de vagas estava ocorrendo com atraso, por parte do governo federal.

Quadro 07: Atividades de gestão acadêmica

Período	Cargo ou função	Portaria de designação
2009 a 2011	Coordenador do curso de Secretariado Executivo Bilíngue CCAE	Portarias SRH 914, de 26 de maio de 2009, e PROGEP 953, de 03 de maio de 2011
2011 a 2014	Coordenador do Curso de Licenciatura em Letras– CCAE	Portarias PROGEP 100, de 17 de janeiro de 2012, e 2432 de 07 de novembro de 2012
2015 a 2016	Assessor de Pesquisa do CCAE	Portaria CCAE N.06, de 24 de março de 2015
2015 a 2017	Chefe do Departamento de Letras do CCAE	Portaria PROGEP N. 1521, de 20 de julho de 2015
2018 a 2019	Assessor de Graduação do CCAE	Portaria CCAE N. 17, de 02 de maio de 2018
2019 – atual	Vice-Diretor do CCAE	Portaria 1.382, Publicada no DOU de 28/12/2018

Fonte: Currículo Lattes do autor

Como não tinha experiência na parte da gestão tampouco na área específica de secretariado, necessitei estabelecer contato com outros profissionais docentes da área, envolvendo-me em eventos e atividades promovidos pela FENASSEC (Federação Nacional de Secretariado) e por diversas instituições de ensino superior do país. A inserção na área foi fundamental para compreender como funcionavam os cursos de Secretariado no Brasil e estabelecer princípios e ações no âmbito do curso que coordenava. Para tal, contei com a parceria da professora Francisca Janete Adelino, da área de secretariado, recém nomeada para o curso na UFPB. A professora Janete Adelino não só abriu as portas para a minha inserção nacionalmente na área do Secretariado, como nos auxiliou

em todas as atividades que desempenhamos, eu e a professora Danielle Luna, na gestão do curso.

Traçamos, nesse sentido, duas linhas de ação: uma administrativa, organizando todos os setores do curso (Coordenação de TCC e de Estágio, NDE – Núcleo Docente Estruturante, CIAC–Comissão Interna de Avaliação de Curso), com a criação das resoluções e sistematização de processos; e outra pedagógica, com realização de reuniões pedagógicas, eventos, incentivo e apoio a projetos de pesquisa, ensino e extensão. Assumimos uma postura de liderança dos processos, de forma participativa, procurando sempre estar junto de nossos alunos e docentes. O resultado veio com o conceito obtido pelo curso, que foi 4 (em uma escala de 0 a 5).

Saí da coordenação de secretariado para assumir outra coordenação de curso, da Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa do CCAE, no período de 01/11/2011 a 15/02/2014. Fui o primeiro coordenador do curso, em conjunto com a professora Roseane Batista Feitosa Nicolau. Assumimos a coordenação com o objetivo de organizá-lo para o recebimento dos primeiros alunos e sistematizar o curso para seu futuro reconhecimento, criando os setores e as legislações (resoluções e regimentos) específicas.

Sobre o curso de Licenciatura em Letras é importante mencionar que fui um dos seus idealizadores e coordenei o trabalho de elaboração do seu Projeto Político Pedagógico, compondo e liderando a equipe que o escreveu e apresentando sua proposta junto ao Conselho de Centro do CCAE, que optou pela criação do curso, concorrendo com outras propostas igualmente importantes que foram apresentadas pela comunidade acadêmica. Conseguimos, nós professores do Departamento de Letras do CCAE, na época, mobilizar não apenas a comunidade interna, mas também as prefeituras do Vale do Mamanguape, para opinarem favoravelmente à criação do curso, compreendendo a sua importância para a formação de professores na região. A figura 27, a seguir, é uma foto da recepção aos primeiros alunos do curso de Licenciatura em Letras do CCAE.

Figura 27 Recepção à primeira turma do curso de Letras do CCAE
(outubro de 2012)



Fonte: Arquivo próprio

Receber os primeiros alunos do curso foi muito importante para mim e para os demais professores do Departamento de Letras do CCAE porque, a partir do ingresso, tivemos a oportunidade de trabalhar com nossa área específica de formação, criar meios para a realização de investigações científicas na área, além de contribuir para a consolidação do nosso *Campus*, com um curso de formação de professores.

Gostaria ainda de ressaltar que nas coordenações dos cursos de Secretariado e de Letras aprendi duas coisas muito importantes sobre a gestão pública: a primeira diz respeito ao papel da liderança, de forma democrática e participativa; e a segunda, ao papel do planejamento. O gestor que não compreende a importância da liderança democrática e participativa não consegue executar processos e projetos com eficiência e facilidade no setor público, em razão da própria sistemática do setor, bastante burocrático e normalmente enfrentando problemas de recursos humanos e materiais, o que impacta em uma

infraestrutura adequada. A gestão participativa e democrática gera motivação e comprometimento da equipe, inclusive para enfrentar os problemas de escassez de recursos. No que diz respeito ao planejamento, esse é essencial não apenas para estabelecer metas e ações, mas também antecipar possíveis problemas.

A terceira função administrativa que assumi na UFPB foi a chefia do Departamento de Letras (DL) do CCAE, em parceria com a professora Juliene Paiva Osias, no período de 01/07/2015 a 13/05/2017. No período em que estivemos à frente do DL, enfrentamos o desafio da gestão de pessoas no setor público, especialmente da realização de concursos para professores efetivos e substitutos. Assumi o Departamento no momento de vacância de docentes e tive que mobilizar a instituição para a liberação de códigos de vaga e publicação de editais.

Assim, na nossa gestão, necessitamos organizar 7 concursos ou processos seletivos de docentes, no período de dois anos, nas áreas de Língua Portuguesa, LIBRAS, Literatura e Línguas Estrangeiras, o que só foi possível com o envolvimento de todo o corpo docente do Departamento, seja na organização dos certames, provendo a infraestrutura adequada, seja assumindo carga horária máxima de disciplinas, enquanto os novos docentes eram nomeados. Novamente utilizei a estratégia da gestão participativa e do planejamento, buscando estabelecer parcerias com as coordenações dos cursos atendidos pelo DL, para reorganizar e remanejar horários, criar exames de suficiência e outras estratégias que minimizassem os prejuízos causados pela vacância de alguns docentes. Precisamos ainda estabelecer parcerias com o Departamento de Letras Estrangeiras Modernas do Campus I, para que permitissem que professores daquele departamento ministrassem disciplinas de Língua Inglesa e Espanhola que ofertamos aos cursos da EAD.

Além das experiências nas coordenações de curso e chefia departamental, assumi duas funções de assessoria de Centro: a assessoria de pesquisa, no ano de 2015 e a assessoria de ensino, no ano de 2018. Nessas assessorias atuei diretamente com a Direção do Centro, principalmente fazendo a ponte da gestão local com as Pró-Reitorias respectivas (PRPG – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa e PRG – Pró-Reitoria de Graduação), na época.

O trabalho de assessoria foi extremamente importante no sentido de contribuir com a gestão local, seja na organização de eventos acadêmicos, como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e os Encontros de Iniciação científica (ENIC) e Iniciação à Docência (ENID), seja na criação de condições para que os docentes pudessem realizar seus projetos de pesquisa e de ensino, publicando e divulgando editais ou sistematizando ações. Na minha gestão à frente da Assessoria de Graduação, contribuí para a criação do Fórum de Coordenadores de Curso do CCAE, órgão que tem a função de discutir questões pedagógicas inerentes aos cursos de graduação do Centro.

Em 15 de março de 2019, assumi a Vice-Direção do CCAE, cargo que exerço até hoje, em uma parceria estabelecida com a professora Angeluce Barbotin, Diretora do Centro. Assumi esse cargo com o objetivo de contribuir com a consolidação do nosso *campus* e contribuir para a criação das condições necessárias para a realização das nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Figura 28: Posse da Direção e Vice-Direção do CCAE (março de 2019)



Fonte: Arquivo próprio

Nesse sentido, gostaria de ressaltar que a aceitação de colocar meu nome à disposição da comunidade do CCAE para o cargo se deu por conta da parceria já

estabelecida com a professora Angeluce Barbotin, desde a época em que ambos atuávamos no curso de Secretariado, e por acreditar no trabalho de gestão que a professora já vinha realizando no Centro: uma gestão participativa e democrática. Essa afinidade tem nos permitido realizar um trabalho conjunto, inclusive na divisão de responsabilidades.

Durante esse período em que estou atuando na Direção do CCAE, enfrentamos grandes desafios. O primeiro deles diz respeito aos constantes cortes orçamentários que sofremos a cada ano, o que interfere diretamente na qualidade dos serviços prestados à comunidade, tanto na parte administrativa, como na parte pedagógica. Os cortes prejudicam não só a compra de materiais de consumo ou a contratação de serviços de manutenção e limpeza, mas também prejudicam diretamente as atividades de ensino, pesquisa e extensão, uma vez que não nos permitem, por exemplo, grandes investimentos na publicação e divulgação dos trabalhos produzidos por docentes e discentes ou a compra e manutenção de equipamentos de laboratórios.

Felizmente a gestão democrática implantada no *Campus IV*, com o planejamento orçamentário e a distribuição de recursos de forma participativa pelo Conselho de Centro, permite-nos estabelecer prioridades e atender as demandas mais urgentes e necessárias. Aprendi, com a professora Angeluce, que o planejamento orçamentário democrático compromete cada um com a coletividade, gera a noção de comunidade (comum + unidade) e cria mecanismos para a solução de problemas tanto coletivos como particulares.

O segundo desafio que enfrentamos diz respeito às políticas do Governo Federal direcionadas ao ensino superior, especialmente com propostas de criação de programas que interferem na gestão pública. Assim, propostas como o programa Future-se¹ ou a criação de licenciaturas em parcerias com instituições privadas demandaram de nossa parte tempo e disposição para mobilizar

1 O programa Future-se, lançado em 2019 pelo MEC, visava à captação de recursos da iniciativa privada por parte das IFES, pautado na noção de empreendedorismo e, como consequência, interferia na autonomia financeira e de gestão das instituições.

a comunidade interna e externa em defesa do ensino público, gratuito e de qualidade, recusando tais programas.

Figura 29 Reunião com a comunidade universitária para discutir o Future-se (15/05/2019)



Fonte: Arquivo próprio

Figura 30 Passeata e ato público contra o Future-se e os cortes orçamentários (Rio Tinto, maio de 2019)



Fonte: Arquivo próprio

O CCAE, historicamente, é um *campus* universitário de mobilização política, seja pela presença de cursos voltados para as humanidades, para o ensino ou para a defesa do meio ambiente e das comunidades tradicionais, seja pela inserção do próprio centro em um território indígena. Desde a sua criação, foi um espaço de batalha, de luta pela sua própria implantação: por diversas vezes, docentes, servidores técnicos e os próprios discentes tiveram que parar suas atividades realizando greves ou mobilizações para garantir as condições mínimas de funcionamento. Faço parte dessa comunidade acadêmica e dela me orgulho.

O terceiro desafio enfrentado está relacionado ao processo de gestão durante o período de pandemia da COVID-19. Durante o período pandêmico, a professora Angeluce e eu tivemos que criar estratégias dentro do próprio *campus* e de mobilização junto à reitoria e aos conselhos superiores para garantir as condições mínimas de trabalho seguro para docentes e servidores técnicos, que se encontravam em trabalho remoto. Estabelecemos rotinas de trabalho nos setores administrativos e criamos mecanismos de divulgação das atividades administrativas e pedagógicas nos sites e redes sociais do Centro. Fomos um dos primeiros *campi* da UFPB a sistematizar a Comissão de Biossegurança Setorial, que ficou sob a minha presidência, criar o protocolo de biossegurança do centro e aprovar no conselho, planejar e realizar a compra de materiais e equipamentos de proteção individual e coletivo e treinar equipes de limpeza e prestação de serviços. Além disso, mobilizamos a comunidade interna e estabelecemos parcerias com as prefeituras locais para a vacinação, quando essa tornou-se disponível.

A implantação dessas ações só foi possível em razão do trabalho que fazemos de forma transparente e participativa, mobilizando os diferentes entes da comunidade universitária. Obviamente que não é simples e fácil uma gestão participativa e democrática, especialmente no momento político atual. No entanto, não sabemos, a professora Angeluce e eu, trabalhar de outra forma. Nesse sentido, o meu sentimento é de que estamos “travando o bom combate”

e quando terminar o período de gestão à frente da Direção do CCAE, terei a consciência tranquila de que cumpri meu compromisso com a comunidade que nos elegeu para estar a sua frente.

É importante mencionar, ainda, que, na qualidade de coordenador de curso, assumi a presidência dos Colegiados de Secretariado e de Letras, como parte de minhas funções administrativas. O mesmo ocorreu no que se refere ao Colegiado do Departamento de Letras, quando fui chefe departamental. Na função de vice-diretor de Centro também presidi, interinamente, por diversas vezes, o Conselho de Centro do CCAE e ali atuo colaborando com a professora Angeluce Barbotin, presidente do conselho. Essa função também me permitiu representar o CCAE no Conselho Universitário da UFPB (CONSUNI), em substituição à professora Angeluce, em diversas seções. Na próxima seção, detalho as demais situações de atuação junto a órgãos colegiados e conselhos, dessa feita como representação.

Atividades de representação e junto a órgãos colegiados e conselhos

Além das atividades administrativas, desde o ano de minha posse assumi, em diferentes momentos da vida acadêmica, o papel de representar meus pares (docentes) ou o centro (CCA) em que estou lotado junto a órgãos colegiados da instituição. O quadro 08, a seguir, sintetiza essas atividades.

Quadro 08: Atividades de representação

Período	Conselho ou Colegiado	Função/atuação
2006 a 2009	Conselho Superior Universitário	Representante docente do CCAE
2009 a 2012	Comitê de Avaliação do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica	Representante do CCAE

Período	Conselho ou Colegiado	Função/atuação
2011 a 2012	Colegiado do curso de Secretariado Executivo Bilingue do CCAE	Membro docente
2011 a 2012	CPA – Comissão Própria de Avaliação	Representante do CCAE– CPA–Portaria R/GR 165
2012 a 2014	Colegiado do Curso de Secretariado Executivo Bilingue do CCAE	Membro docente
2014 a 2016	Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do CCAE	Membro docente–Portarias CCAE N. 22, de 20 de novembro de 2014, N. 15, de 17 de abril de 2015 e N. 43, de 19 de outubro de 2016
2014 a 2016	Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa	Membro docente–Portarias CCAE 23 de 20 de novembro de 2014 e 10 de 09 de março de 2015
2016	Conselho Superior Universitário (CONSUNI)	Representante docente (suplente) do CCAE–Portaria CCAE N. 21 de 26 de abril de 2016

Fonte: Currículo Lattes do autor

Tão logo ingressei no CCAE, no ano de 2006, assumi a função de representação docente junto ao Conselho Superior Universitário (CONSUNI). A participação no CONSUNI foi importante para eu entender como se dava a organização administrativa e política da nossa instituição, bem como para compreender os procedimentos e processos próprios da UFPB. Além do CONSUNI, do qual participei por duas ocasiões, assumi função de representação

junto aos Colegiados dos cursos de Letras e de Secretariado bem como em seus Núcleos Docentes Estruturantes (NDE).

Gostaria aqui de ressaltar a importância de participação nesses dois órgãos colegiados (Colegiado de Curso e NDE), responsáveis pela implantação das políticas e atividades pedagógicas no âmbito dos cursos de graduação. Esses órgãos são necessários não apenas para dar condições para a coordenação do curso realizar suas atividades pedagógicas, mas, principalmente, para traçar as diretrizes pedagógicas que o curso deve seguir, bem como para refletir sobre o currículo e sua implantação.

Assumir o papel de representação nos colegiados e NDE é tão importante e necessária quanto a representação nos conselhos superiores, dado o seu papel. No entanto, presenciei, quando coordenador de curso e presidente desses órgãos por duas ocasiões, a dificuldade de mantê-los em funcionamento, com reuniões periódicas, em razão da própria carga de trabalho que os professores assumem.

Gostaria de acentuar, ainda, a minha participação na Comissão Própria de Avaliação da UFPB (CPA), um órgão colegiado da Instituição, independente, com membros internos e externos, e responsável pela autoavaliação institucional, do qual participei nos anos de 2012 a 2014, representando o Campus IV da UFPB. A minha participação nesse órgão colegiado foi importante não apenas porque pude acompanhar e fazer parte da equipe que traçou os parâmetros de avaliação da instituição, mas principalmente porque pude ter acesso às diretrizes nacionais estabelecidas pelo MEC para avaliação do ensino superior no país.

Além do mais, a minha participação nesse órgão colegiado ocorreu quando o nosso centro estava recebendo as comissões de avaliação do MEC e, a partir do meu papel nessa comissão, pude contribuir com o centro orientando as coordenações de curso, os departamentos e a própria direção de centro no sentido de como se organizar para o processo de avaliação. Aproveitamos a nossa participação na CPA para intermediar as demandas do CCAE junto à gestão superior, a fim de viabilizar, dentro do possível, as condições necessárias para o funcionamento e o reconhecimento dos cursos.

Na próxima seção, apresento uma síntese de minha participação em comissões, de diferentes naturezas, no âmbito da UFPB, tanto no Departamento em que estou lotado como no âmbito de outros órgãos do CCAE e da instituição como um todo.

Participação em comissões

O trabalho de docente do ensino superior demanda a participação em várias comissões, sejam elas de apoio administrativo ou acadêmico (ensino, pesquisa e extensão). O quadro 09, a seguir, apresenta as diversas comissões das quais fiz parte, como membro, ao longo desses 16 anos de trabalho na UFPB.

Quadro 09: Participação em comissões

Período	Comissão	Designação
2008	Comissão Especial para o processo eleitoral para a escolha de Reitor e Vice-reitor da UFPB	Portaria SODS 01/2008
2009	Comissão Gestora do Curso de Secretariado Executivo Bilíngue da UFPB	Portaria CCAE 60, de 11 de novembro de 2009
2009	Comissão de Avaliação para Ingresso de Graduados no curso de Secretariado Executivo Bilíngue da UFPB	Colegiado do curso de Secretariado
2010	Comissões para elaborar resoluções relativas ao curso de Secretariado Executivo Bilíngue CCAE/UFPB	Portarias CSEB 003, 004 e 005
2011	Comissão para elaboração do Plano de Capacitação de Professores do Departamento de Letras do CCAE	Colegiado do Departamento de Letras
2015	Comissão de Progressão Funcional do CCAE	Portaria CCAE N. 18, de 11 de maio de 2015 e N. 22, de 29 de maio de 2015

Período	Comissão	Designação
2015	Comissão Eleitoral para a Pesquisa Eleitoral para subsidiar a escolha de coordenador e vice coordenador do curso de Letras Língua Portuguesa do CCAE	Portaria CL 01, de 15 de novembro de 2015
2016	Comissão Organizadora da Comemoração dos 10 anos do CCAE	Portaria CCAE N. 18, de 04 de abril de 2016
2016	Comissão de Avaliação de Progressão Funcional Docente do DCSA	Portarias DCSA 08, 09, 10 e 11 de 2016
2016	Comissão Provisória de Avaliação de Estágio Probatório Docente da Prof ^a Maria Luzitana Conceição dos Santos	Departamento de Ciências Sociais Aplicadas
2017 a 2019	Coordenador da área de Língua Portuguesa e Linguística do Departamento de Letras do CCAE	Portaria DL 16, de 15 de setembro de 2017
2017	Comissão de Elaboração, Aplicação e Correção do Exame de Suficiência em Língua Portuguesa do DL/CCAEE–semestre 2017.1	Portaria DL 009, de 12/06/2017
2017	Comissão responsável pela reformulação do Regimento Interno do Mestrado Profissional em Letras–PROFLETRAS	Portaria PROFLETRAS/UFPB N. 004, de 31 de agosto de 2017
2017 a 2019	Comissão de Progressão Funcional do Departamento de Letras do CCAE	Portaria DL N. 17, de 18/10/2017
2018 a 2019	Comissão de Planejamento Quinquenal de Capacitação Docente do Departamento de Letras do CCAE	Portaria DL N. 10, de 23 de maio de 2018
2019	Comissão de Progressão Funcional do DCSA/CCAEE/UFPB	Portaria DCSA 004, de 11 de fevereiro de 2019

Período	Comissão	Designação
2021 – atual	(Presidente) da Comissão de Biossegurança do CCAE/UFPB	Portaria N. 7/2021 CCAE-DC
2021	Comissão de análise da viabilidade de divisão do CCAE	Portaria 14/2021 CCAE-DC
2022	Comissão Pedagógica de Planejamento Acadêmico	Portaria PRG 12/2022

Fonte: Currículo Lattes do autor

Conforme se pode perceber no quadro 09, tenho participado, ao longo de minha vida acadêmica, de diferentes comissões tanto no âmbito do meu departamento como no Centro, de maneira geral, contribuindo com diversos setores e em diferentes atividades de ensino, pesquisa, extensão e da administração. São, ao todo, 18 comissões das quais pude participar, seja organizando, sistematizando ou avaliando processos e procedimentos das mais diferentes naturezas.

Sempre me dispus a participar dessas comissões por acreditar na importância do trabalho coletivo e da gestão participativa, bem como para me inteirar e poder contribuir com o desenvolvimento institucional. Acredito, ainda, que a participação nessas comissões é importante para percebermos como a instituição caminha e conhecermos melhor nossas resoluções, a partir de sua aplicabilidade. Participar das comissões, nesse sentido, é também contribuir para uma gestão democrática e coletiva do ensino superior.

No próximo capítulo, apresento nossas considerações finais a respeito da reflexão feita sobre minhas atividades ao longo de minha formação acadêmica e meu trabalho como docente, extensionista, pesquisador e gestor. Apontarei também caminhos que ainda desejo traçar na vida profissional e acadêmica.

7. Considerações Finais

Após relatar e refletir sobre a minha formação escolar e acadêmica bem como sobre a minha experiência enquanto docente, da educação básica ao ensino superior, três aspectos me parecem mais significativos: o primeiro diz respeito à coerência que existe entre a minha formação escolar e acadêmica e o meu fazer profissional; o segundo está relacionado à coerência e à qualidade da minha produção; e o terceiro ao prazer e à realização profissional.

Consigo perceber que os cursos que fiz, do Magistério ao estágio de Pós-Doutorado, todos estão relacionados, de alguma forma, com minhas práticas de ensino, pesquisa e extensão, ao longo de minha vida profissional. O curso de Magistério, por exemplo, foi a base para o meu fazer pedagógico, desde o ensino básico, e os reflexos estão não só nas atividades de ensino que desenvolvo, mas também nas minhas atividades de pesquisa voltadas para o ensino, especialmente junto ao PROFLETRAS. O curso de Comunicação Social me deu ferramentas para compreender a linguagem de forma mais ampla e voltada para o uso social e abriu caminhos para a investigação com gêneros do universo jornalístico, desde o meu doutorado, e sobre o processo de escrita voltado para o uso social.

O curso de licenciatura em Letras, a Especialização em Linguística Aplicada e o Doutorado em Letras me deram as ferramentas necessárias para os projetos de pesquisa, sejam na perspectiva descritiva (na Semântica Argumentativa) ou voltados ao processo de ensino-aprendizagem de língua. Essa relação também é perceptível nas atividades de ensino e de extensão, a maioria delas voltadas para ações relativas ao ensino ou à formação de professores. O pós-doutorado, por sua vez, aprofundou e consolidou os estudos e as pesquisas voltadas para a argumentação em gêneros discursivos.

O segundo aspecto que gostaria de ressaltar diz respeito à coerência e à qualidade de minha produção, que está diretamente ligada aos caminhos teóricos que percorri. Na perspectiva mais descritiva, toda a produção está voltada para os estudos da argumentação linguística, considerando não apenas o aspecto estrutural, mas também o uso linguístico, a partir da associação com os estudos semântico-pragmáticos ou sobre os gêneros discursivos. Na perspectiva mais aplicada, a minha produção está voltada, em sua maioria, para o processo de ensino-aprendizagem de produção textual, a partir de uma perspectiva sociointeracionista de língua e de ensino e, quando possível, fazendo correlações com aspectos semântico-argumentativos e pragmáticos.

Essa coerência na produção se manifesta tanto na bibliografia publicada como nos trabalhos orientados, nos projetos de pesquisa e nas ações de extensão desenvolvidas. Foi a coerência que me permitiu não apenas a continuidade da produção, mas, principalmente, o aprofundamento nas investigações. Esse aprofundamento, que para mim é marca de qualidade, trouxe-me muitas parcerias, tanto interna (na UFPB) como externamente (com parceiros de outras instituições).

O terceiro aspecto diz respeito à satisfação pessoal com o trabalho realizado até agora. Considero-me satisfeito com as escolhas teóricas, metodológicas e profissionais realizadas e também com a produção, as parcerias e as atividades desenvolvidas no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão. Acredito que tenho cumprido com meu papel, como docente do ensino superior, e isso se manifesta não só na quantidade da produção, mas sobretudo na sua qualidade. Essa satisfação para mim é mais palpável quando vejo o sucesso de meus alunos e orientandos, quase todos atuando na educação básica ou ensino superior, e também quando vejo o crescimento do meu centro e considero minha parcela de contribuição à frente da gestão.

Por fim, gostaria de sinalizar, prospectivamente, aspectos de minha atuação nos quais pretendo investir nos próximos anos. No que se refere à pesquisa descritiva, falta-me ainda aprofundar a Teoria dos Blocos Semânticos, o que pretendo fazer na continuidade de minhas investigações junto ao Programa de

Pós-Graduação em Linguística da UFPB. No que se refere aos estudos aplicados ao ensino e às atividades de extensão, quero focar, nos próximos projetos, em investigações e ações que relacionem argumentação e ensino ou que tratem do ensino de produção de gêneros orais, em uma perspectiva interventiva, os quais serão realizados tanto no âmbito da graduação como do PROFLETRAS. Na minha percepção, a oralidade não somente é pouco trabalhada em sala de aula de língua materna, como é pouco investigada. Acredito que, ao direcionar meu trabalho para essas duas correntes, continuarei trazendo contribuições para a descrição linguística e para o ensino.

No que se refere às ações de gestão, considero que dei uma contribuição muito significativa ao meu *campus* e à UFPB como um todo. Obviamente que continuarei contribuindo com a gestão participativa e democrática, porque nela acredito, não só enquanto esteja ocupando cargos, mas enquanto docente. Minha atuação como vice-diretor do CCAE se encerra em 15 de março de 2023, e considero que constitui um marco importante que sinaliza minha participação efetiva no campo da gestão, trazendo-me serenidade para decidir sobre meus próximos passos: investir ainda mais na carreira de ensino, pesquisa e extensão. Acredito que essa escolha é necessária dada a necessidade que sinto de aprofundar tanto os estudos descritivos quanto os estudos aplicados ao ensino.

Agradeço a todos que fizeram parte de minha vida escolar, acadêmica e profissional até esse momento – professores, colegas de trabalho, orientandos, parceiros de estudo, pesquisa e na gestão. A todos e todas, imensa gratidão pela aprendizagem que me proporcionaram e por terem contribuído para que me tornasse o educador que hoje sou. Abro aqui parênteses para um agradecimento especial às professoras Laurênia Souto e Vanice Lacerda, parceiras de pesquisa, que se dispuseram a ler os primeiros escritos desse memorial.

Finalmente, uma única coisa gostaria de lhes prometer, independente das atividades, ações e funções que venha a exercer nesta instituição: não irei renunciar a minha identidade de educador, humanista, sertanejo e indígena. Essa identidade é a base do meu trabalho e da minha constituição enquanto ser humano.

Referências

- ANSCOMBRE, Jean-Claude. Le on-locuteur: une entité aux multiples visages. In: BRES, Jacques et al. **Dialogisme et polyphonie**. Paris: De Boeck Supérieur (Champ linguistiques), 2005. P. 75-94.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude. Author d'une définition linguistique des notions de voix collective et de on-locuteur. In: **Recherches Linguistique**. N. 31, 2010. P. 29-64.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1975[1990].
- BAKHTIN, Mikhail [1895-1975]. **Estética da criação verbal**. Tradução M.E.G. Gomes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. [1ª edição: 1992]
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 1966 [2005].
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1974 [2006].
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos**. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHWEUVLY, Berbard. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim at al. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. p. 95 – 128.
- DUCROT, Oswald. **Odizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas SP: Pontes, 1984[1987].
- DUCROT, Oswald. **Polifonia y argumentación**. Universidade del Valle – Cali, 1988.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

GARCÍA NEGRONI, María Marta. “El enfoque dialógico de la argumentación y la polifonía, puntos de vista evidenciales y puntos de vista alusivos”. In: **RILCE: Revista de Filología Hispánica**. Espanha: Universidad de Navarra. vol. 35. Nº 2, pp. 521 – 549, 2019.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1993(2000).

KOVACCI, Ofelia. La modalidad. IN: KOVACCI, Ofelia. **El comentario Gramatical: Teoría y Práctica II**. Madrid: Arcos/ Libros S.A, 2002.

LYONS, John. **Introdução à Linguística Teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Ed. Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MARTINS, Angela Maria Souza. Breves reflexões sobre as primeiras escolas normais no contexto educacional brasileiro no século XIX. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 173-182, set.2009.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MOITA LOPES, Luiz P. da. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Escrita e integração: uma experiência didática com gêneros do jornalismo. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da; ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro; ARANHA, Simone Dália de Gusmão. **Literatura e Lingüística: teoria, análise, prática**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Uso dos gêneros textuais no ensino fundamental: ainda um desafio para os professores. In: **Anais do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais-V SIGET**, 2009, Caxias do Sul-RS: UCS–Universidade de Caxias do Sul, 2009. v.Único. p. 1–18

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Gêneros jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidades leitoras. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula 1**. ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010, p. 56-87.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Leitura no Universo Virtual: refletindo sobre a preparação de aula. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). **Entre teorias e práticas: o que e como ensinar nas aulas de português.1**. ed. João Pessoa: Editora

Universitária da UFPB, 2011, p. 43-88.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Gêneros textuais, argumentação e ensino. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). **A didatização de gêneros no contexto da formação continuada em EAD**. 1ª ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 43-94.

PALMER, F. R. **Modo and Modality**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001[2007].

PEIRCE, Charles Sanders (1839-1914). **Semiótica**. Tradução de *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce* por José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1931-1958 (2000).

PERELMAN, Chaim. **O Império Retórico: Retórica e Argumentação**. 2. ed. Lisboa: Asa Editores, 1999.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 1975

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

ZAVADIL Bohumil. Medios expresivos de la categoría de modalidad en español. In: **Ibero-americana Pragmática**. N. 11, 1968. p. 57-86.

Sobre o autor

Erivaldo Pereira do Nascimento possui graduação em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba (1997), licenciatura em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2004) e doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2005). Realizou Estágio de Pós-Doutorado na *Universidad de Buenos Aires*–Argentina, no ano de 2014, com financiamento pela CAPES/MEC. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFPB). Foi coordenador dos cursos de Bacharelado Secretariado Executivo Bilíngue e da Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, da mesma instituição. Foi Vice-Diretor do Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAÉ), *Campus IV* da UFPB (2019-2023). Foi bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (2009-2012). Desenvolve pesquisas nas áreas de Semântica Argumentativa e de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, ao Secretariado e à Comunicação Social. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: argumentação, semântica, ensino de línguas, linguística textual.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4595-1550>